

EPÍSTOLA DE

2PEDRO

COMENTÁRIO BÍBLICO OBJETIVO

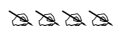
Simplicidade e Entendimento



Paulo Raposo Correia

Março de 2026

Rio de Janeiro – RJ



2Pedro

PAULO RAPOSO CORREIA

BLOG

PARE! LEIA! REFLITA! PRATIQUE!

www.pauloraposocorreia.com.br

E-Book

Epístola de 2PEDRO
por Paulo Raposo Correia
© 2026 Paulo Raposo Correia

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução por qualquer meio ou forma,
sem a permissão expressa do autor.

Capa:
Paulo Raposo Correia

Revisão e Editoração Eletrônica:
Paulo Raposo Correia

Dados para Catalogação

Correia, Paulo Raposo
Epístola de 2PEDRO / Paulo Raposo Correia – Rio de Janeiro – RJ – Brasil,
2026

ISBN 978-65-01-99620-2

1. Bíblia. 2. Comentário Bíblico. 3. Título.

2Pedro

Este breve comentário bíblico é resultado de estudo e pesquisa de informações sobre esta epístola, principalmente, mas não limitada à bibliografia mencionada no final, sendo, acima de tudo, a exposição do meu próprio entendimento, tudo isso para sua reflexão e crescimento espiritual. Sempre que necessário o texto será atualizado e a data da revisão mencionada.



2PEDRO

Sumário

Sumário

APRESENTAÇÃO..... 7

I. PRÓLOGO (1.1-2) 15

• SAUDAÇÃO (1.1-2)..... 15

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21) 17

II.1 – AGREGANDO VALOR À FÉ E FRUTIFICANDO (1.3-11) 17

II.2 – CONSERVANDO A LEMBRANÇA DA VERDADE REVELADA (1.12-15) 24

II.3 – FIRMANDO-SE NA REVELAÇÃO DAS FÉIS TESTEMUNHAS (1.16-21) 26

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22) 36

III.1 – ELES ENGANARÃO A MUITOS (2.1-3) 36

III.2 – ELES NÃO SERÃO POUPADOS (2.4-9) 43

III.3 – ELES TÊM CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DE SER E DE AGIR (2.10-19) 54

III.4 – AS CONSEQUÊNCIAS DE DESVIAR-SE DA VERDADE (2.20-22) 72

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-16) 76

IV.1 – O ESCÁRNIO DOS INCRÉDULOS (3.1-7)..... 76

IV.2 – A ESPERA MISERICORDIOSA (3.8-9)..... 83

IV.3 – O “DIA DO SENHOR” (3.10-13)..... 86

IV.4 – VIVENDO E AGUARDANDO AQUELE GRANDE DIA (3.14-16) 92

V. EPÍLOGO (3.17-18)..... 95

• RECOMENDAÇÕES FINAIS (3.17-18A)..... 95

• DOXOLOGIA (3.18B) 96

CONCLUSÃO 97

BIBLIOGRAFIA 98

2PEDRO

Apresentação



2PEDRO

Apresentação

APRESENTAÇÃO

Além de ter sido uma presença marcante durante o ministério público de Jesus e de desempenhar um papel importante, exercendo uma liderança efetiva e valiosa nos primórdios da igreja, o apóstolo Pedro nos deixou o legado de duas epístolas ou cartas doutrinárias de grande valor. Quem poderia imaginar que um pescador, homem simples e prático, distante da expressividade cultural do apóstolo Paulo, pudesse produzir uma obra tão extraordinária? Esta epístola de 2Pedro é tão bem estruturada na abordagem dos assuntos, que torna muito simples a tarefa de elaborar o seu esboço; é tão direta e objetiva, que consegue tratar de alguns assuntos em poucas palavras; é tão abrangente e edificante, que trata de alguns aspectos importantes para quem foi alcançado e agora vive sob a Graça Divina. Assim como, no passado, alguns se surpreenderam e se admiraram com a performance deste apóstolo, também nós o fazemos ao nos depararmos com os seus escritos e reconhecemos que ele esteve com Jesus e foi usado e inspirado pelo Espírito Santo. *“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus.”* (At 4.13)

AUTORIA

No primeiro versículo, a epístola já revela o nome do seu autor: *“Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos...”* (2Pe 1.1). Outras evidências internas citadas em defesa dessa autoria são: a) O autor menciona a si próprio como testemunha ocular: *“Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando*

2PEDRO

Apresentação

pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo." (2Pe 1.16-18; comp. Mt 17.1-8); b) Há a referência de uma revelação de Jesus a ele, quanto ao seu futuro (2Pe 1.14; comp. Jo 21.18-19); c) Pedro deixa claro ser esta a sua segunda epístola, fazendo uma conexão com a primeira (2Pe 3.1). Pedro não chegou a escrever um dos Evangelhos, mas é largamente aceito que ele, como testemunha ocular, forneceu muitas informações valiosas e incontestáveis para que João Marcos (a quem considerava carinhosamente como filho – 1Pe 5.13), escrevesse o segundo Evangelho, de Marcos.

No mundo antigo, era comum que autores usassem amanuenses (secretários ou escribas) para redigir cartas. Isso não diminuía a autoria; o conteúdo era do autor, mas a redação podia ser feita por alguém com melhor habilidade de escrita. Na Primeira Epístola de Pedro, o próprio texto menciona explicitamente um colaborador – Silvano (1Pe 5.12; comp. At 15.22-23). Nesta Segunda Epístola é provável que ele também tenha contado com ajuda, porém, nenhum nome é mencionado.

DATA

Não há uma menção explícita quanto a data em que esta epístola foi escrita. Os estudiosos apontam para 65-67 d.C. Há indícios na epístola que sua morte estava próxima (2Pe 1.13-15). A data provável da escrita seria por volta de 67 d.C. A tradição cristã antiga afirma que Pedro foi martirizado em Roma durante a perseguição do imperador Nero, em cerca de 67 d.C., tendo Nero morrido em 68 d.C.

2PEDRO

Apresentação

Nessa ocasião, pouco mais de trinta anos separavam Pedro, o apóstolo e presbítero maduro e experimentado, daquela época de Pedro, o discípulo pescador. Enquanto Paulo e outros líderes estavam na dianteira da igreja, Pedro, mantinha-se na retaguarda, com humildade e simplicidade, fortalecendo os irmãos com seu testemunho verbal e seus escritos. Ele estava agora com cerca de 63 anos, tendo passado a última década de sua vida ali em Roma.

TEMA

O grande tema da epístola de 2Pedro é “Firmeza na fé diante dos falsos mestres e da demora aparente da volta de Cristo.”

DESTINATÁRIOS

Essa segunda epístola não menciona o local onde foi escrita, nem para quem foi escrita. Não seria um equívoco inferir que os destinatários desta epístola são os mesmos identificados por Pedro no primeiro versículo da sua primeira epístola: *“aos eleitos que são forasteiros da Dispersão....”*, isto é, os crentes judeus e gentios, espalhados por toda a parte – a igreja.

PROPÓSITO E CONTEÚDO

Na primeira epístola o apóstolo faz uma abordagem sobre vários aspectos importantes da fé cristã, tais como, salvação pela graça, santidade de vida e testemunho cristão, submissão nas diversas áreas

2PEDRO

Apresentação

e situações, comunhão e amor cristão e pastoreio do rebanho de Deus, visando o fortalecimento dos crentes. Também há uma palavra de ânimo e encorajamento aos cristãos diante das perseguições.

Já nesta sua segunda epístola, há uma ênfase na prevenção contra os falsos mestres e suas falsas doutrinas, bem como uma advertência quanto aos incrédulos que questionavam o cumprimento da promessa da volta de Cristo.

PEDRO NUNCA FOI PAPA

Pedro recebeu as chaves (Mt 16.19) para “abrir a porta da graça”, pela pregação do evangelho, aos seus compatriotas judeus, no Pentecostes (Atos 2 – em Jerusalém), e aos gentios (Atos 10 – na casa de Cornélio). Deduzir daí que ele recebeu autoridade para perdoar pecados, foi o primeiro Papa etc., é bem diferente. A tradição de que Pedro fundou a igreja de Roma é contrária aos fatos conhecidos no Novo Testamento:

- a) Pedro não era o apóstolo dos incircuncisos (Gl 2.7) e, sem dúvida alguma, a igreja em Roma era gentílica. Pedro não era um missionário empreendedor e, se ele fundou alguma igreja em qualquer parte, a história sagrada não o declara.
- b) Pedro desaparece da história em Antioquia no ano 52 d.C. Por essa ocasião ele foi censurado por Paulo por causa do seu receio dos judaizantes e por haver procedido contra os gentios (Gl 2.11).

2PEDRO

Apresentação

- c) As epístolas do próprio Pedro destroem a tradição papal, pois nelas não consta que ele organizasse essa igreja. São incompatíveis com a posição católica romana:
- A pedra principal da esquina da igreja é Cristo (1Pe 2.6);
 - Cristo é o "Pastor e Bispo" das almas (1Pe 2.25);
 - Pedro se declara presbítero em pé de igualdade com os outros (1Pe 5.1);
 - Pedro exorta os presbíteros a cuidarem do rebanho, porém não pela força, e nunca menciona uma autoridade superior sobre o rebanho, dada por Cristo a alguém (1Pe 5.2). Ele reconhecia não ter mais autoridade sobre aqueles presbíteros do que Paulo tinha sobre os presbíteros de Éfeso, que haviam sido constituídos bispos pelo Espírito Santo (At 20.28);
 - Referiu-se à transfiguração, todavia, não considerou o caso das chaves de importância digna de menção (2Pe 1.16-18; Mt 17.5);
 - Apelou às Escrituras do "nosso amado irmão Paulo" para confirmar os seus ensinamentos (2Pe 3.15-16);
 - Começou a sua última epístola dizendo-se apenas "Simão Pedro". A lembrança da sua fraqueza e falibilidade acha-se claramente subentendida na palavra "Simão" (2Pe 1.1);
 - Considera todos os crentes, sem distinção, como um "sacerdócio santo" (1Pe 2.5), um "sacerdócio real" (1Pe 2.9). Cristandade quer dizer reino de sacerdotes, onde cada crente é competente para agir por si, em matéria de religião, e gozar do privilégio de aproximar-se de Deus, pelo único Mediador, Deus-Homem, Cristo Jesus.

2PEDRO

Apresentação

- d) As epístolas de Paulo contradizem a tradição papal. Se Pedro tivesse sido o fundador ou bispo da igreja de Roma, se ele estivesse em Roma quando Paulo, de Corinto, escreveu a carta aos Romanos, ou quando escreveu de Roma às igrejas de Colossos, Éfeso e Filipos, a Filemom, Timóteo e Tito, é inadmissível que não se referisse a ele de qualquer modo. Temos uma epístola dirigida aos crentes de Roma, e sete escritas de Roma aos crentes de outros lugares, e em nenhuma delas se encontra a mínima referência a Pedro. Essa omissão é um argumento positivo contra a pretensão católica.
- e) Lucas também contradiz, nos Atos dos Apóstolos, a tradição papal, de Pedro ter sido o fundador da igreja de Roma. Uma visita de Pedro a Roma ou a fundação de uma igreja ali, por esse ilustre apóstolo seria um fato histórico de grande importância. Lucas, historiador cuidadoso como era, não teria deixado de mencionar um fato de tão grande relevo.

ESBOÇO

I. PRÓLOGO (1.1-2)

- Saudação (1.1-2)

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

II.1 – Agregando valor à fé e frutificando (1.3-11)

II.2 – Conservando a lembrança da verdade revelada (1.12-15)

II.3 – Firmando-se na revelação das fiéis testemunhas (1.16-21)

2PEDRO

Apresentação

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

- III.1 – Eles enganarão a muitos (2.1-3)
- III.2 – Eles não serão poupados (2.4-9)
- III.3 – Eles têm características próprias de ser e de agir (2.10-19)
- III.4 – As consequências de desviar-se da verdade (2.20-22)

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-16)

- IV.1 – O escárnio dos incrédulos (3.1-7)
- IV.2 – A espera misericordiosa (3.8-9)
- IV.3 – O “Dia do Senhor” (3.10-13)
- IV.4 – Vivendo e aguardando aquele grande dia (3.14-16)

V. EPÍLOGO (3.17-18)

- Recomendações finais (3.17-18a)
- Doxologia (3.18b)

CONCLUSÃO





2PEDRO

I. PRÓLOGO (1.1-2)

I. PRÓLOGO (1.1-2)

• Saudação (1.1-2)

- 1 *Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo,*
1 *συμεων πετρος δουλος και αποστολος ιησου χριστου τοις ισοτιμον ημιν λαχουσιν πιστιν εν δικαιοσυνη του θεου ημων και σωτηρος ιησου χριστου*
- 2 *graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.*
2 *χαρις υμιν και ειρηνη πληθυνθει εν επιγνωσει του θεου και ιησου του κυριου ημων*

O autor inicia a saudação com um estilo formal, apresentando-se como Simão Pedro. Os nomes “Simão”, no grego **Simon** (σιμων) e “Simeão” têm sua origem no vocábulo hebraico **Shimon** e significam “aquele que ouve”. “Pedro”, no grego **Petros** (πετρος) é equivalente a palavra aramaica **Cefas**, no grego **Kephas** (κηφας) e significa “pedra ou rocha”. Seu nome era Simão e Jesus lhe deu o sobrenome de Cefas (que quer dizer Pedro) no seu primeiro encontro com ele (Jo 1.42; ver tb 1Co 1.12; 3.22; 9.5; 15.5; Gl 2.9), para designar firmeza. Tal iniciativa de Jesus já tinha um caráter profético, que mais tarde foi revelado (Mt 16.18) e ratificado (Jo 21.15-17).

Para se ter uma ideia da sua relevância, no Novo Testamento o seu nome é mencionado 202 vezes¹, da seguinte forma: **Pedro** (144 vezes), **Simão** (29 vezes), **Simão Pedro** (19 vezes), **Cefas** (9 vezes)² e **Simão Barjonas** (1 vez).

¹ Versão Almeida Revista e Atualizada (ARA)

² **Cefas**: Embora este tenha sido o nome dado a Simão, por Jesus (Jo 1.42), apenas o apóstolo Paulo se referiu a ele por este nome.

2PEDRO

I. PRÓLOGO (1.1-2)

Pedro se apresenta como servo (gr. *δουλος* ou *doulos*) o que transmite a mensagem de alguém que não está preocupado com a ostentação de títulos e, também, de apóstolo de Jesus Cristo — título que de fato lhe pertence, pois possuía as credenciais legítimas do apostolado (At 1.21-22). Tal identificação conferia autoridade ao texto e mensagem que deveria ser espalhada para edificação da igreja.

A saudação termina com uma expressão bastante usual e significativa nas epístolas: “Graça e Paz”. Expressa o desejo de que o favor imerecido de Deus pelos eleitos, que produz a reconciliação e paz com Deus e com os irmãos tenham desdobramentos sem limites, tal como as células de um embrião em gestação, até que a imagem de Cristo seja formada em cada eleito, pelo pleno conhecimento do Deus Pai e Deus Filho.



2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

II.1 – Agregando valor à fé e frutificando (1.3-11)

- 3 *Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude,*
- 3 *ὥς πάντα ἡμῖν τῆς θείας δυνάμεως αὐτοῦ τὰ πρὸς ζωὴν καὶ εὐσεβείαν δεδορημένης διὰ τῆς ἐπιγνώσεως τοῦ καλεσαντος ἡμᾶς διὰ δόξης καὶ ἀρετῆς*

É significativo que Pedro comece enaltecendo a suficiência da graça divina, outorgando aos regenerados todo o provimento necessário ao seu crescimento na fé. Assim como a vida biológica e o crescimento físico são milagres divinos, tal ocorre com a vida e o crescimento espiritual. A vida cristã não começa no esforço humano, mas no poder de Deus. E, ela se desenvolve por meio de Cristo e do Espírito que nele habita.

O “divino poder” aponta para a iniciativa soberana de Deus que supre o crente de “todas as coisas” – suficiência completa – fazendo que nada essencial lhe falte.

“Vida e piedade” abrangem tanto a salvação eterna quanto a prática diária da fé cristã.

“O pleno conhecimento” (*epignosis*) de Cristo não é mero saber intelectual, mas relacionamento transformador.

Finalmente, nada disso pode ser encarado como meio para a nossa exaltação pessoal, pois fomos chamados para a glorificação de Deus e para proclamar as suas virtudes.

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

4 pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo,

4 δι ὧν τὰ μέγιστα ἡμῖν καὶ τίμια ἐπαγγέλματα δεδωρηται ἵνα διὰ τούτων γενήσθε θείας κοινωνοὶ φύσεως ἀποφυγοντες τῆς ἐν κόσμῳ ἐν ἐπιθυμίᾳ φθοράς

“Pelas quais” significa pela glória, virtude e graça de Deus suas promessas são reais e se cumprem nos eleitos fazendo-os participantes da “natureza divina”, tornando-nos filhos de Deus e não deuses.

Ao participamos da vida de Deus, somos transformados moralmente – a velha natureza corrompida não tem mais domínio sobre nós. Libertos da corrupção do mundo iniciamos o processo de santificação.

5 por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento;

5 καὶ αὐτοῦτο δε σπουδὴν πᾶσαν παρεισενεγκαντες ἐπιχορηγήσατε ἐν τῇ πίστει ὑμῶν τὴν ἀρετὴν ἐν δε τῇ ἀρετῇ τὴν γνῶσιν

A graça cumpre o seu papel insubstituível como base e alicerce da fé, independentemente da ação humana. A partir desse alicerce posto começa a construção, a edificação, o crescimento. Neste sentido, a fé não anula o esforço, a dedicação e empenho; ela o requer.

Pedro, então, passa a mencionar uma lista de elementos nessa edificação, isto é, uma progressão de virtudes. A vida cristã é crescimento intencional, não estagnação.

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

A propósito, no Novo Testamento há algumas listas de virtudes recomendadas:

TABELA COMPARATIVA DAS VIRTUDES RECOMENDADAS

Virtude	Gl 5	Cl 3	Ef 4	Fp 4	1Tm 6	2Pe 1	Tg 3
Amor	✓	✓	✓	—	✓	✓	—
Bondade	✓	✓	—	—	—	—	✓
Conhecimento	—	—	—	—	—	✓	—
Domínio próprio	✓	—	—	—	—	✓	—
Fé / Fidelidade	✓	—	—	—	✓	✓	—
Humildade	—	✓	✓	—	—	—	—
Justiça	—	—	—	✓	✓	—	—
Longanimidade / Perseverança	✓	✓	✓	—	✓	✓	—
Mansidão	✓	✓	✓	—	✓	—	✓
Paz	✓	—	✓	—	—	—	✓
Piedade	—	—	—	—	✓	✓	—
Pureza	—	—	—	✓	—	—	✓

Textos considerados:

- Epístola aos Gálatas 5.22-23
- Epístola aos Colossenses 3.12-14
- Epístola aos Efésios 4.2-3
- Epístola aos Filipenses 4.8
- Primeira Epístola a Timóteo 6.11
- Segunda Epístola de Pedro 1.5-7
- Epístola de Tiago 3.17

A fé é o fundamento, mas deve agregar valor. Não entendemos que as sete virtudes listadas estejam numa ordem sequencial e temporal, porém, trata-se simplesmente de virtudes a serem associadas à fé.

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

Pedro enfatiza que essa busca não deve ser feita de qualquer forma, mas – *“reunindo toda a vossa diligência”* – isto é, com extrema diligência (gr. **σπουδή ou spoudē**), com zelo, empenho sério e esforço cuidadoso. Não é ansiedade nem ativismo carnal. É dedicação intencional e responsável, porque a graça recebida (vv.3-4) exige resposta ativa. A santificação não é um estado passivo, mas um processo dinâmico e contínuo, que transforma toda a nossa maneira de ser.

Virtude – gr. **ἀρετή (aretē)**. Tem o significado básico de excelência moral, nobreza de caráter e qualidade admirável. Na cultura grega, *aretē* descrevia excelência plena – algo que cumpre bem sua função. Aqui significa: vida moralmente excelente que reflete o caráter de Cristo.

Conhecimento – gr. **γνώσις (gnōsis)**. Tem o significado básico de conhecimento, entendimento e discernimento. Não é o “pleno conhecimento” (*epignosis*) do v.3, mas conhecimento prático. Indicando a capacidade de discernir a vontade de Deus e aplicar a verdade. É conhecimento que orienta o caráter.

6 *com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade;*

6 *εν δε τη γνωσει την εγκρατειαν εν δε τη εγκρατεια την υπομονην εν δε τη υπομονη την ευσεβειαν*

Domínio próprio – gr. **ἐγκράτεια (enkrateia)**. Tem o significado básico de autocontrole, autodomínio e controle dos desejos. Literalmente é o “poder sobre si mesmo”. Era termo usado para atletas disciplinados. Refere-se ao controle dos impulsos, das paixões, da língua e das emoções. Esse domínio transcende a força natural da

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

natureza humana, se tornando efetivo por meio da ação do Espírito Santo que em nós habita – é fruto do Espírito (Gl 5.23).

Perseverança – gr. ὑπομονή (*hypomonē*). Tem o significado básico de constância, resistência firme e paciência sob pressão. Literalmente tem o sentido de “permanecer debaixo”. Não é resignação passiva, mas resistência ativa em meio à provação. É firmeza que não abandona a fé, mesmo em momentos difíceis. Em tempos de perseguição essa virtude era bastante enfatizada por Jesus (Lc 21.19) e nas epístolas. O apóstolo Paulo afirma que a tribulação produz perseverança (Rm 5.3).

Piedade – gr. εὐσεβεία (*eusebeia*). Tem o significado básico de reverência a Deus, vida devota a Deus. No mundo greco-romano, significava respeito religioso. No Novo Testamento, descreve a vida moldada pela consciência da presença de Deus. É espiritualidade prática, não apenas teórica.

7 com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor.

7 εν δε τη ευσεβεια την φιλαδελφιαν εν δε τη φιλαδελφια την αγαπην

Fraternidade – gr. φιλαδελφία (*philadelphia*). Tem o significado básico de amor fraternal e afeição entre irmãos. O termo grego é composto de *philos* (afeição) e *adelphos* (irmão). Refere-se a amor caloroso entre os crentes. É amor familiar dentro da comunidade cristã (Rm 12.10; 1Ts 4.9; Hb 13.1; 1Pe 1.22; 3.8).

Amor – gr. ἀγάπη (*agapē*). É considerado como a forma mais elevada de amor. É o amor incondicional e sacrificial, tipificado pelo amor de Deus para com a criatura humana, ao ponto de dar o seu Filho Jesus Cristo para morrer em seu lugar. É o termo mais elevado para

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

amor no Novo Testamento, a expressão máxima do amor, acima do amor *phileo*³ e do amor *eros*⁴. Não é mera emoção ou sentimento, mas decisão intencional, compromisso e doação. É o ápice da maturidade cristã.

8 *Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.*

8 ταυτα γαρ υμιν υπαρχοντα και πλεοναζοντα ουκ αργους ουδε ακαρπους καθιστησιν εις την του κυριου ημων ιησου χριστου επιγνωσιν

A graça salvadora não é em vão, produz transformação interna e externa. Essas virtudes precisam ser cultivadas e Pedro fala de um progresso contínuo. Quem cresce nessas virtudes não será inativo e não será infrutífero. O verdadeiro conhecimento de Cristo produz fruto visível.

9 *Pois aquele a quem estas coisas não estão presentes é cego, vendo só o que está perto, esquecido da purificação dos seus pecados de outrora.*

9 ω γαρ μη παρεστιν ταυτα τυφλος εστιν μυωπαζων ληθην λαβων του καθαρισμου των παλαι αυτου αμαρτιων

A ausência dessas virtudes e de crescimento na fé revela miopia espiritual e esquecimento da purificação passada. Pedro alerta contra a amnésia espiritual – esquecer a graça recebida leva à estagnação.

³ *Phileo*, é o amor entre não parentes, tipificado pelo amor entre amigos, marcado por amizade, lealdade e apoio mútuo.

⁴ *Eros*, é o amor romântico e erótico, tipificado pela atração, desejo e paixão entre um homem e uma mulher.

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

10 *Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum.*

10 *διο μαλλον αδελφοι σπουδασατε βεβαιαν υμων την κλησιν και εκλογην ποιεισθαι ταυτα γαρ ποιουντες ου μη πταισητε ποτε*

Pedro não ensina salvação por obras. Ele ensina que as obras confirmam a realidade da fé, e a perseverança evidencia a eleição. Quem se desenvolve e cresce nessas virtudes não tropeça espiritualmente.

11 *Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.*

11 *ουτως γαρ πλουσιως επιχορηγηθησεται υμιν η εισοδος εις την αιωνιον βασιλειαν του κυριου ημων και σωτηρος ιησου χριστου*

A vida cristã começa na graça, cresce na santificação e culmina na glória.

A salvação prometida por Deus é resultado da graça divina. Essa fé verdadeira necessariamente produz virtudes e frutos (Gl 5.22-23), que servem como evidência de sua autenticidade e nos dão segurança diante do Senhor. Contudo, essas virtudes não são a base da nossa entrada no céu.

Há um acesso abundante e pleno ao reino celestial – uma entrada triunfal. Essa entrada contrasta com a mencionada pelo apóstolo Paulo: “se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo.” (1Co 3.15). Portanto, o crente é convocado a participar dessa entrada triunfal, pois a provisão já foi feita em seu favor. Pode-se dizer que isso é uma metáfora dos militares romanos, em cortejo, entrando na cidade após uma grande vitória.

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

Enfim, neste tópico o apóstolo ensina que:

- ➔ Deus concede tudo o que é necessário (vv.3-4).
- ➔ O crente deve responder com diligência (vv.5-7).
- ➔ O crescimento espiritual confirma a fé (vv.8-10).
- ➔ A perseverança conduz à esperança eterna (v.11).

II.2 – Conservando a lembrança da verdade revelada (1.12-15)

12 *Por esta razão, sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas coisas, embora estejais certos da verdade já presente convosco e nela confirmados.*

12 *διο ουκ αμελησω υμας αιει υπομνησκειν περι τουτων καιπερ ειδοτας και εστηριγμενους εν τη παρουση αληθεια*

A razão é exatamente o que ele acabou de expor nos versículos anteriores. Pedro assume assim o papel de um bom professor ou líder no pastoreio do rebanho de Deus – ele lembra e relembra as verdades da fé cristã. Mesmo que os crentes já conheçam a verdade, precisam ser constantemente recordados. A maturidade cristã não elimina a necessidade de repetição. É preciso inculcar as verdades divinas pois elas sustentam fé viva.

13 *Também considero justo, enquanto estou neste tabernáculo, despertar-vos com essas lembranças,*

13 *δικαιον δε ηγουμει εφ οσον ειμι εν τουτω τω σκηνωματι διεγειρειν υμας εν υπομνησει*

Pedro usa o termo “tabernáculo” como metáfora para o corpo físico – um invólucro temporário e transitório. Sua vida e a nossa vida é breve. Seu ministério e o nosso ministério têm prazo. Ele vê e nós também precisamos ver como dever espiritual manter a igreja

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

desperta. A igreja precisa ser continuamente despertada contra a acomodação – *“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”* (Rm 12.2).

14 certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou.

14 ειδως οτι ταχινη εστιν η αποθεις του σκηνωματος μου καθως και ο κυριος ημων ιησους χριστος εδηλωσεν μοι

Aqui Pedro menciona sua morte iminente. No Evangelho de João 21.18-19, Jesus lhe havia revelado algumas coisas sobre o seu futuro:

- a) Ele viveria até chegar a velhice: *“quando, porém, fores velho”*.
- b) Ele teria um fim marcado pelo sofrimento. Jesus diz que, quando Pedro fosse mais velho, *“outro o cingiria e o levaria para onde ele não queria ir”*. Essa imagem descreve alguém sendo conduzido contra a própria vontade – uma alusão provável à prisão e execução.
- c) O evangelista João explica o sentido: Jesus estava indicando o tipo de morte pela qual Pedro glorificaria a Deus. Ou seja, Pedro morreria como mártir.

Portanto, ele escreve com consciência de martírio próximo. Há aqui uma importante lição: a proximidade da morte não gera desespero, mas urgência ministerial.

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

- 15 *Mas, de minha parte, esforçar-me-ei, diligentemente, por fazer que, a todo tempo, mesmo depois da minha partida, conserveis lembrança de tudo.*
- 15 *σπουδασω δε και εκαστοτε εχειν υμας μετα την εμην εξοδον την τουτων μνημην ποιεισθαι*

Pedro deseja que, mesmo após sua morte, a igreja continue firme, perseverando na verdade apostólica. Provavelmente refere-se às suas próprias epístolas ou ao conjunto do ensino apostólico preservado. Um verdadeiro líder, pensa além da própria vida; preocupa-se com a firmeza dos crentes nas verdades eternas da Palavra de Deus. O verdadeiro ministério constrói memória e base espiritual duradoura.

II.3 – Firmando-se na revelação das fiéis testemunhas (1.16-21)

- 16 *Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade,*
- 16 *ου γαρ σεσοφισμενοις μυθοις εξακολουθησαντες εγνωρισαμεν υμιν την του κυριου ημων ιησου χριστου δυναμιν και παρουσιαν αλλ εποπται γενηθεντες της εκεινου μεγαλειοτητος*

O apóstolo já havia mencionado estar próxima a sua partida para a eternidade. Numa hora como essa começa a passar na mente um filme de todo o seu passado, de toda a sua trajetória de vida. É possível imaginar, pelo menos um flash desse filme existencial. Tudo o que ele havia vivido antes do seu primeiro contato com Cristo – uma vida comum e simples, de pescador como tantos outros seus compatriotas. Seu encontro com Cristo – o Messias Prometido – fez uma revolução completa e irreversível em sua vida rotineira e pacata. Simplesmente ele passou a caminhar com o Filho de Deus encarnado. Ouviu muitos ensinamentos maravilhosos do Mestre. Presenciou a realização de muitos milagres. Viu o seu Mestre ser morto e ressuscitar. Depois da ascensão de Jesus, durante mais de trinta anos vivenciou e

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

testemunhou tudo isso. Também enfrentou perseguições e sofrimentos. Presenciou o avanço do Evangelho e o crescimento numérico dos seguidores de Cristo – a igreja.

As testemunhas oculares do ministério de Cristo estavam saindo de cena. Então, o que seria da igreja? Por certo, ele haveria de confiar e descansar na tutela divina do Espírito Santo. Entretanto, certamente ele sentia a responsabilidade de deixar o seu legado escrito, para que, juntamente com as demais Escrituras divinamente inspiradas, pudesse edificar e fortalecer os crentes. Assim, era preciso deixar muito claro para a igreja da sua época e de todas as futuras gerações a autenticidade dos seus escritos.

Tendo já transcorrido algumas décadas da ascensão de Cristo era provável que já estivesse circulando a ideia de que a fé cristã era apenas mais um mito, como tantos outros. “Fábulas” (mitos) era termo comum no mundo greco-romano. Era preciso testemunhar e deixar registrado que Jesus Cristo, seu poder, seus milagres, seus ensinamentos, sua morte e ressurreição e sua ascensão era real. Jesus Cristo era mesmo o Messias prometido no Antigo Testamento! Tudo o que as suas fiéis testemunhas diziam a seu respeito era verdade, não se tratava de fábulas ou histórias criativamente inventadas. Se a segunda vinda de Cristo estava sendo ridicularizada (cf. cap. 3) era preciso combater tais investidas.

Pedro afirma que o evangelho não é construção imaginária, mas testemunho histórico. Ele declara *“fomos testemunhas oculares da sua majestade”*. Aqui está a base apostólica: experiência real, não especulação ou ilação.

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

17 *pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.*

17 *λαβων γαρ παρα θεου πατρος τιμην και δοξαν φωνης ενεχθεισης αυτω τοιασδε υπο της μεγαλοπρεπους δοξης ουτος εστιν ο υιος μου ο αγαπητος εις ον εγω ευδοκησα*

Pedro vivenciou vários momentos extraordinários e impactantes com Jesus. Entretanto, se refere aqui ao evento da Transfiguração, registrada nos Evangelhos (Mt 17.1-13; Mc 9.2-13; Lc 9.28-36). Certamente ele elegeu este evento porque o marcou profundamente, afinal, ali naquele alto monte o céu baixou à terra e se manifestou de forma visível e audível a eles.

18 *Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo.*

18 *και ταυτην την φωνην ημεις ηκουσαμεν εξ ουρανου ενεχθεισαν συν αυτω οντες εν τω ορει τω αγιω*

A voz do céu confirmou: “Este é o meu Filho amado...”. A transfiguração foi uma antecipação visível da glória futura de Cristo.

Pedro evoca um irrefutável argumento – ele viu, ele ouviu, ele esteve presente. O cristianismo é fundamentado em acontecimentos históricos verificáveis, não em ideias místicas.

A Transfiguração revela quem Jesus realmente é: Deus encarnado, o Filho glorioso de Deus revestido temporariamente de glória celestial diante dos discípulos. Confirma sua identidade messiânica e o distingue de Moisés e Elias. Ensina que Jesus é superior à Lei (Moisés) e aos profetas (Elias) – ele cumpre ambos os ofícios.

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

O Senhor Jesus, que até então havia sido visto e conhecido por seus discípulos “na forma de Servo” (Fp 2.7), naquele monte se revela, de modo singular, em sua glória essencial como o Filho de Deus. A Transfiguração foi uma manifestação extraordinária da sua divindade, concedida a três de seus discípulos, na medida em que olhos humanos podiam contemplar. Não foi apenas um milagre entre outros, mas uma revelação do próprio Cristo em sua verdadeira natureza.

- 19 *Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração,*
- 19 *και εχομεν βεβαιωτερον τον προφητικον λογον ω καλως ποιειτε προσεχοντες ως λυχνω φαινοντι εν αυχμηρω τοπω εως ου ημερα διαυγαση και φωσφορος ανατειλη εν ταις καρδιαις υμων*

Aqui encontramos um ponto que exige atenção especial. Mesmo tendo presenciado a glória de Cristo no monte da transfiguração, Pedro destaca a proeminência da “palavra profética”. Isso levanta uma questão importante: o que possui maior peso como validação da fé – a experiência extraordinária vivida no monte ou a palavra profética das Escrituras?

Pedro não estabelece uma oposição entre ambas, mas indica a superioridade normativa da Escritura. A experiência foi real, gloriosa e transformadora; contudo, é a Palavra que interpreta a experiência e lhe confere sentido. A revelação escrita permanece como fundamento objetivo, enquanto a experiência é circunstancial e limitada aos que a presenciaram.

O ideal, portanto, não é escolher entre uma e outra, mas reconhecê-las em harmonia. O testemunho ocular dos apóstolos confirma o

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

cumprimento da palavra profética, e a palavra profética fornece o arcabouço interpretativo para o testemunho apostólico. Ambos são plenamente confiáveis, pois procedem da mesma fonte divina.

De fato, o testemunho apostólico registrado no Novo Testamento confirma e ilumina a palavra profética do Antigo Testamento. Assim, profetas e apóstolos, cada qual em seu tempo, convergem em um único e coerente testemunho da verdade revelada por Deus.

A Escritura não depende da experiência; ela a interpreta. Pedro a compara a *“candeia que brilha em lugar tenebroso”*. A Palavra profética ilumina o mundo até o *“raiar do dia”*. Esse raiar do dia pode ser uma referência ao tempo de seu cumprimento ou mesmo à consumação na volta de Cristo. A revelação divina é progressiva e o entendimento dela também é. Lembremos as palavras de Jesus – *“Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois.”* (Jo 13.7)

*20 sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura
provém de particular elucidação;*

*20 τουτο πρωτον γνωσκοντες οτι πασα προφητεια γραφης ιδιας επιλυσεως
ου γινεται*

Percebe-se clara e didaticamente nestes tópicos a linha de raciocínio de Pedro. Na sequência dos versículos, temos:

a) Ele reconhece que sua morte está próxima.

b) As testemunhas oculares do ministério de Cristo estão partindo para a eternidade.

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

c) Tornava-se necessário que ele deixasse um legado escrito para, juntamente com outros escritos inspirados, pudesse servir de base e fundamento permanente para a igreja de Cristo.

d) A igreja poderia confiar plenamente no seu legado escrito porque ele não inventou essas narrativas históricas e ensinamentos, pois foi testemunha ocular do poder e da vinda de Cristo.

e) Que os acontecimentos por ele vivenciados confirmam a palavra profética, as Escrituras do Antigo Testamento.

Assim sendo, ele passa agora a argumentar e defender a legitimidade e força das Escrituras (v.21) como base da fé cristã, bem como o cuidado que se deve ter quanto à sua interpretação (v.20).

Pedro inicia combatendo interpretações pessoais ou com origem meramente humana. Assim como a Escritura não nasceu da iniciativa humana, sua interpretação também não pode ser meramente humana. A preocupação de Pedro com interpretações particulares e arbitrárias, que podem ser usadas para a manipulação das pessoas, tem sido uma preocupação das lideranças da igreja ao longo de todas as épocas.

A tão conhecida expressão **“a Bíblia é a mãe de todas as heresias”** não é uma citação bíblica nem um slogan histórico formalmente atribuído a um autor clássico específico. Trata-se de uma afirmação polêmica, usada em contextos críticos ao princípio protestante da *Sola Scriptura*. A frase surge no ambiente das controvérsias entre a Igreja Católica e os reformadores do século XVI, como Martinho Lutero. Durante a Reforma Protestante, os reformadores defenderam que a Escritura é a autoridade suprema em matéria de fé (*Sola Scriptura*). Em resposta, teólogos católicos argumentaram que a livre interpretação da

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

Bíblia, sem a mediação da tradição e do magistério da Igreja, levaria à multiplicação de interpretações divergentes – e, conseqüentemente, de heresias.

O debate gira em torno de três questões:

- a) A Escritura é suficiente por si só?
- b) Quem tem autoridade para interpretá-la?
- c) A diversidade de denominações comprova falha do princípio da Escritura ou da interpretação humana?

Para os reformadores, o problema não está na Bíblia, mas na má interpretação humana. Para seus críticos, a ausência de uma autoridade interpretativa visível favoreceria divisões.

Enfim, o que precisamos ter em mente é que assim como a fonte de inspiração das Escrituras é Deus, de igual forma sua interpretação também precisa ser iluminada pelo Espírito Santo de Deus.

Na teologia, a hermenêutica bíblica dispõe de regras importantes para essa interpretação do texto bíblico. Por exemplo:

(i) A Escritura interpreta a Escritura.

Textos mais claros ajudam a interpretar textos difíceis. Nenhuma interpretação pode contradizer o ensino geral da Bíblia.

(ii) Considerar o contexto imediato.

Não se deve interpretar um versículo isoladamente. É preciso considerar o contexto literário (antes e depois do texto em análise).

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

(iii) Respeitar o gênero literário.

A Bíblia contém: Narrativa histórica; Poesia; Profecia; Epístola; Parábola. Não se interpreta poesia como tratado científico, nem parábola como relato literal detalhado.

(iv) Coerência teológica

Nenhuma interpretação pode gerar contradição com: a natureza de Deus, o caráter de Cristo, o plano da redenção.

21 porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.

21 ου γαρ θεληματι ανθρωπου ηνεχθη ποτε προφητεια αλλ υπο πνευματος αγιου φερομενοι ελαλησαν οι αγιοι θεου ανθρωποι

Em segundo lugar o apóstolo defende a autoridade e autenticidade das Escrituras. Este é um dos textos clássicos sobre inspiração bíblica. Há uma dupla “autoria” da Bíblia. Deus usou instrumentos humanos para se conectar com o mundo humano – homens falaram da parte de Deus. Portanto, não falaram por vontade própria algo que passou por suas mentes. Eles foram “movidos” pelo Espírito Santo. O sentido original do verbo “movidos” é o de uma embarcação impulsionada pelo vento. O Espírito conduziu o processo sem anular a personalidade humana.

A autoria da Bíblia não é um projeto literário com datas e números exatos como uma obra moderna. Há um consenso histórico e religioso sobre quantos autores humanos participaram e quanto tempo levou para que seus livros fossem escritos. A estimativa mais aceita entre estudiosos é entre 35 e 40 autores humanos. Esses autores incluem reis,

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

profetas, sacerdotes, pescadores, médicos, poetas e líderes religiosos – como Moisés, Davi, Isaías, Jeremias, Paulo, Pedro, Lucas, João, entre outros.

A Bíblia foi escrita ao longo de aproximadamente 1.500 anos:

- **Antigo Testamento:** cerca de 1.000 anos de produção (aprox. 1400 a.C. a 400 a.C.)
- **Novo Testamento:** cerca de 50 anos (aprox. 45 d.C. a 95 d.C.)

A Bíblia foi escrita:

- Em três continentes (Ásia, África e Europa).
- Em três idiomas (hebraico, aramaico e grego).
- Em diferentes contextos históricos (guerra, exílio, prosperidade, perseguição).

Ou seja, não foi um projeto contínuo, mas uma coleção de textos escritos em épocas diferentes, por pessoas diferentes, em contextos culturais e históricos distintos. Mesmo assim, apresenta unidade temática centrada no plano redentor de Deus culminando em Cristo – *“E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras.”* (Lc 24.27).

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.” (2Tm 3.16-17)

Enquanto esses autores foram **inspirados** por Deus para nos transmitir a sua mensagem, para interpretar as Escrituras precisamos da **iluminação** do Espírito Santo. É necessário reconhecer a

2PEDRO

II. DESENVOLVENDO E FORTALECENDO A FÉ (1.3-21)

importância da orientação do Espírito Santo na interpretação das Escrituras, buscando discernimento espiritual e oração durante o estudo da palavra de Deus. E, não basta interpretar as Escrituras corretamente, é preciso vive-la a cada dia.



2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

III.1 – Eles enganarão a muitos (2.1-3)

1 Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.

1 εγενοντο δε και ψευδοπροφηται εν τω λαω ως και εν υμιν εσονται ψευδοδιδασκαλοι οιτινες παρεισαξουσιν αιρεσεις απωλειας και τον αγορασαντα αυτους δεσποτην αρνουμενοι επαγοντες εαυτοις ταχινην απωλειαν

2 E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade;

2 και πολλοι εξακολουθησουσιν αυτων ταις απωλειαις δι ους η οδος της αληθειας βλασφημηθησεται

3 também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme.

3 και εν πλεονεξια πλαστοις λογοις υμας εμπορευσονται οις το κριμα εκπαλαι ουκ αργει και η απωλεια αυτων ου νυσταζει

a) A realidade dos agentes do maligno

Dois aspectos importantes nas Escrituras do Novo Testamento, são:

1º) Apresentar as verdades de Deus, a sua vontade, para a vida e conduta de cada crente e para a vida e conduta em comunidade, como igreja. 2º) Alertar quanto a presença de falsos irmãos, ou falsos mestres, ou falsos líderes e suas heresias destruidoras. No que se refere a este segundo aspecto, os alertas enfatizam e deixam claro que tais pessoas emergem da própria comunidade, o que torna a questão mais preocupante: “...entre vós penetrarão lobos vorazes...” (At 20.29-31); “...haverá entre vós...” (2Pe 2.1-22); “Pois certos indivíduos se introduziram...” (Jd 4-16). A igreja primitiva enfrentou ataques ou foi

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

alertada quanto aos judaizantes ou legalistas⁵ (Tt 1.10-16; At 11.2; At 15; Gl 5.1-12), gnósticos⁶, ascetas⁷ (Cl 2.20-23; 1Tm 4.1-5), libertinos⁸ (2Tm 3.1-9; 2Pe 2.1-22; Jd 4-16) etc.

No capítulo 1 a ênfase do apóstolo era a necessidade de os salvos desenvolverem a fé alcançada, de modo que as verdades teóricas recebidas produzissem frutos comportamentais práticos no viver cotidiano. Ainda mais, deveriam eles manterem-se arraigados,

⁵ **Judaizante ou Legalista:** Judeu-cristão que insistia que para alguém ser salvo era necessário também guardar as leis básicas do JUDAÍSMO, principalmente a CIRCUNCISÃO. O termo “judaizante” não aparece no NT, mas a atividade deles é mencionada em vários lugares, como, por exemplo, em Atos 15.

⁶ **Gnósticos:** Os gnósticos esperavam que, mediante o “conhecimento” (*gnosis*, gr), os homens pudessem ser salvos. Mas o conhecimento deles vinha mesclado com o ascetismo, com a licenciosidade, com as artes mágicas e com os ritos secretos de um misticismo falso. Quase todos os gnósticos negavam a doutrina da “expição” de Cristo como algo que tem valor para o retorno do homem a Deus. Para eles, Cristo não era um Salvador todo-suficiente. Eis porque passagens como João 1.1-3; Colossenses 1.15ss e Efésios 1.19ss afirmam tão incisivamente que somente Cristo é o criador de todos os mundos possíveis. E é também por esse motivo que Colossenses 1.20ss mostra que Cristo é o único Salvador. E é também por isso que 1Timóteo 2.5 declara que há “um só Deus” e também “um só mediador” entre Deus e os homens. Os gnósticos negavam a ambas essas proposições. Todas as passagens mencionadas rebatem declarações dos mestres gnósticos.

⁷ **Ascetas:** O ascetismo defende a ideia de que o corpo é mau e aprisiona o espírito que é bom. Assim sendo, incentiva o desprezo do corpo e das sensações corporais, o que tende a assegurar, pelos sofrimentos físicos, o triunfo do espírito sobre os instintos e as paixões. Em Colossenses 2.20-23 o apóstolo ensina que Cristo os libertara das práticas do ascetismo, que pretendem aparentar sabedoria, castigando e anulando o corpo. Entretanto, não é capaz de conter eficazmente os impulsos e desejos carnavais.

⁸ **Libertinos:** Libertinagem é um termo que significa devassidão e é a característica de alguém que vive uma vida de libertino. Alguém que exerce libertinagem é alguém devasso, dissoluto, licencioso (que abusa da liberdade), ímpio, insubordinado e que não é submisso. Em alguns casos também pode ser considerado como um livre-pensador. Libertinagem também pode ser associada à incredulidade religiosa. Um dos casos mais comuns de libertinagem é quando uma pessoa se entrega inconsideradamente aos prazeres sexuais. A libertinagem é um mau uso da liberdade de um indivíduo, é a extrapolação da liberdade, e quando isso acontece, os limites são ultrapassados e a integridade física, emocional ou psicológica de outra pessoa é posta em causa. A libertinagem leva a uma falta de respeito pelo próximo, e indica falta de dignidade e bom caráter.

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

firmados nas verdades recebidas e na autenticidade e valor daqueles que foram designados pelo Senhor para lhes transmitir tais verdades e doutrinas, pois eram testemunhas confiáveis e, alguns deles, testemunhas diretas dos ensinamentos de Jesus. Vê-se, agora, no capítulo 2 a importância de tudo isso. O maligno jamais desiste de seu intento de destruir a obra de Deus. Se aquilo que o ser humano crê influencia diretamente ou quase sempre determina sua conduta, então, não há nada mais eficaz do que destruir as bases de sua crença para desviá-lo das práticas e condutas que deveriam seguir para agradar a Deus e realizarem os seus propósitos.

Pedro alerta para os tipos de pessoas usadas pelo maligno para tal propósito de desconstrução de valores e condutas, ou seja, os falsos profetas do passado, surgirão travestidos de falsos mestres.

Os falsos profetas foram uma triste realidade no meio do povo, no passado (Dt 13.1-3; 18.20-22; 1Rs 13; Is 9.15; Jr 23.9-40; 28.1-17). Jesus mencionou os falsos profetas do passado (Lc 6.26), os do presente (Mt 7.15-20) e os do futuro (Mt 24.11, 24). O apóstolo João exultou na vitória já alcançada sobre os falsos profetas (1Jo 4.4), mas fez sérias advertências (1Jo 4.1-3; 2Jo 7-11). O apóstolo Paulo mencionou, também, os falsos irmãos (2Co 11.26; Gl 2.4) e os falsos mestres (2Tm 4.3).

Deve-se notar que Pedro trata o assunto como um problema futuro e não presente naquela ocasião (67 d.C.), mas que certamente já estava presente em algumas igrejas locais (Colossos – 61d.C.; Corinto – 57 d.C. etc.).

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

b) A estratégia de ação dos falsos mestres

- **Transposição da verdade de Deus**

“introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras”

“Alguns demônios vigiavam de perto um homem de boas intenções quando, de repente, ele se abaixou para pegar algo no chão. Aflitos, os demônios perguntavam entre si:

– O que ele encontrou, o que ele encontrou?

– Um pedaço da verdade, respondeu um deles. Quase todos eles ficaram muito preocupados:

– O que faremos? O mais experiente deles, porém, procurava acalmá-los:

– Não faremos nada. Fiquem calmos, não há com o que se preocupar.

– Como não? Afinal, ele achou um pedaço da verdade.

– Não há com o que se preocupar, repetiu o demônio, vocês ainda não sabem o que um homem de boas intenções e apenas um pedaço da verdade pode fazer?

– Não!

– O de sempre, respondeu ele, uma nova heresia.” (Internet)

O que fazer para desconstruir uma verdade? Mais eficaz do que combatê-la diretamente é miná-la, confundi-la na cabeça das pessoas etc. Na prática, a ideia é fundir, misturar parte da verdade de Deus com mentiras. O resultado dessa engenhosa manipulação é uma heresia, sendo essa uma das formas de construí-la. Essa forma de construção de uma heresia tem mais chance de se sustentar porque carrega fragmentos ou vestígios da verdade inicial. Não chega a ser algo totalmente novo. Heresia é uma falsa doutrina ou ensino ou conceito que destrói a verdade original. Para que ela passe despercebida e ganhe acolhida é preciso introduzi-la dissimuladamente, isto é, sorrateiramente, de forma disfarçada,

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

encoberta, sem alarde, sem chamar a atenção, como se fosse algo natural. Assim, os que acreditam na heresia sofrerão a condenação e destruição espirituais.

Conta-se que havia um homem famoso na cidade por nunca ser enganado com dinheiro falso. Comerciantes, feirantes e até banqueiros o consultavam quando tinham dúvidas. Ele pegava a nota, olhava rapidamente, às vezes nem isso – apenas passava os dedos – e dizia com absoluta certeza:

“É falsa.”

ou

“É verdadeira.”

Um dia, intrigado, um jovem perguntou:

– Mas como o senhor consegue? O que o senhor vê que ninguém mais vê?

O velho sorriu, como quem guarda um segredo simples demais para ser percebido.

– Meu filho, eu não estudo as notas falsas. Eu estudo as verdadeiras.

– Conheço tão bem cada detalhe da nota legítima – o toque, o cheiro, o desenho, o brilho – que qualquer coisa diferente salta aos meus olhos.

Para reconhecer o falso, basta conhecer profundamente o verdadeiro.

• Negação de Jesus

“renegarem o Soberano Senhor”

Se os falsos mestres pretendem lograr êxito na sua empreitada têm que atingir a verdade de Deus, a crença dos remidos do Senhor, conforme foi tratado no tópico anterior. Entretanto, há uma segunda alternativa que aliás, tem sido bastante explorada: atingir o fundador da igreja e alicerce da fé cristã, o Senhor Jesus Cristo. Desqualificar a pessoa de Jesus é, sem dúvida, um meio eficaz de destruir a fé cristã e desbaratar seus seguidores. O maligno não cessa de instigar os falsos

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

mestres a questionarem a divindade de Jesus, seus poderes sobrenaturais, sua ressurreição etc.

A Doutrina herética da reencarnação transforma Jesus apenas num espírito evoluído, tal qual muitos outros que também foram aperfeiçoados após muitas passagens por este mundo. O maligno tem usado ainda a grande mídia impressa, televisiva e cinematográfica para tentar destruir a imagem histórica de Jesus: ou tentando provar que ele não existiu ou que tinha fraquezas e paixões carnis escondidas como qualquer humano.

Todos esses inimigos da verdade e de Cristo têm sido frustrados nos seus desígnios e intentos de desqualificar o nosso Salvador e estão sujeitos a repentina destruição já que desprezaram o Salvador e sua tão grande salvação. Entretanto, têm obtido algum êxito na mente daqueles que lhes dão crédito: *“Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo. Se, na verdade, vindo alguém, prega outro Jesus que não temos pregado, ou se aceitais espírito diferente que não tendes recebido, ou evangelho diferente que não tendes abraçado, a esse, de boa mente, o tolerais.”* (2Co 11.3-4)

• Liberalismo na conduta

“E muitos seguirão as suas práticas libertinas”

Se Deus, em Cristo, nos salva e nos conduz por uma porta estreita e nos propõe trilhar um novo e vivo caminho, um caminho apertado (Mt 7.13-14), os falsos mestres nos oferecem uma porta larga e o caminho espaçoso das práticas libertinas. A sedução dos prazeres da carne, principalmente de natureza sexual, é algo devastador e tem o propósito de desviar as pessoas do caminho da dignidade. O apóstolo

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

prevê que muitos vão aderir a esse caminho libertino. Certamente não estarão entre esses os regenerados e habitados pelo Espírito Santo de Deus e sim os crentes nominais, os que constroem sobre a areia e são levados por qualquer vento de doutrina.

Eles não perderam a salvação, pois nunca foram verdadeiramente convertidos: *“Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos.”* (1Jo 2.18-26). Infelizmente a sociedade incrédula olhará para esses libertinos e os reputará por cristãos, difamando, assim, o caminho da verdade ou a igreja de Cristo.

- **Comércio religioso**

“farão comércio de vós, com palavras fictícias”

Finalmente, Pedro prevê que a natureza avarenta e gananciosa que domina os falsos mestres fará com que estes obtenham vantagem financeira sobre muitos chamados crentes. Parece até que o apóstolo estava tendo a visão dos acontecimentos dessas últimas décadas. Até a forma usual de convencimento foi predita: “palavras fictícias”, no grego *πλαστοις λογοις* ou *plastois logois*. *Plastois* (*plástow*), traduzida aqui por fictícias, no grego tem o sentido de “fabricadas”, “falsificadas”, “ilusórias”. Portanto, para conseguirem alavancar vantagens e recursos financeiros dos seus ouvintes, os falsos mestres usarão um discurso ilusório bem elaborado.

Isso é bem típico dos antigos e modernos caixeiros viajantes ou vendedores de ilusão. Esses estelionatários da fé, de ontem e de hoje, também são identificados como os que “mercadejam” com a Palavra de Deus (2Co 2.17). Paulo se defende dizendo que não tem essa prática

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

(1Ts 2.5). É triste e lamentável que existam líderes que se dizem espirituais, mas usam a fé como fonte de lucro *“por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro.”* (1Tm 6.5). É interessante que muitos desses líderes se valem do suposto poder espiritual de realização de prodígios e milagres para convencerem seus seguidores. Sabemos que muitos deles usam simulações teatrais. Vejamos a advertência de Deuteronômio 13.1-3: *“Quando profeta ou sonhador se levantar no meio de ti e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio de que te houver falado, e disser: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador; porquanto o SENHOR, vosso Deus, vos prova, para saber se amais o SENHOR, vosso Deus, de todo o vosso coração e de toda a vossa alma.”*. Ou seja, mesmo que alguém realize milagres e prodígios, se distorcer a Palavra de Deus ou pregar ilusões, não é digno de crédito!

O apóstolo Pedro interrompe, momentaneamente, sua denúncia contra os falsos mestres para introduzir o assunto referente à condenação destes. Na parte final do versículo 3 ele menciona o juízo já determinado, de longa data, sobre todos que agem dessa maneira. Nos versículos seguintes (4 a 9) ele expandirá seus argumentos nesta linha.

III.2 – Eles não serão poupados (2.4-9)

Em que pese o estrago que os falsos mestres podem causar, desviando muitos do caminho da verdade, a igreja não precisa temer. Vigiar, sim; temer, não. A palavra de Pedro vem lembrar que há um Deus Todo-Poderoso no controle de todas as coisas. Um Deus que agiu pontualmente na história quando isso se fez necessário. Para que não fosse interpretado como mera retórica, ele fez questão de enumerar

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

alguns juízos divinos, o que serviria de garantia e certeza de que aqueles elementos nocivos e ameaçadores à integridade da igreja não teriam tratamento diferente dos igualmente maus elementos do passado. Os exemplos de juízos mencionados pelo apóstolo não obedecem à ordem cronológica desses eventos, porém, provavelmente à ordem decrescente de sua magnitude ou importância, isto é, do mais relevante para o menos relevante.

III.2.1 O juízo sobre os anjos pecadores

- 4 *Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo;*
4 *ει γαρ ο θεος αγγελων αμαρτησαντων ουκ εφεισατο αλλα σειραις ζοφου ταρταρωσας παρεδωκεν εις κρισιν τετηρημενους*

Já que o exemplo citado no texto não é claramente identificado pelo apóstolo Pedro e nem por Judas, resta-nos investigá-lo e propor algumas hipóteses, inclusive e se possível, a mais provável. Que anjos são esses? Que pecado cometeram? Quando isso ocorreu? E, que lugar é esse para onde foram precipitados? Tarefa fácil essa, não? A escassez de detalhes aqui e de passagens bíblicas sobre o assunto são aspectos extremamente restritivos à exegese deste versículo. Naturalmente que essa investigação não deve ser feita isoladamente do texto de Judas 6, pois há um paralelismo entre 2Pedro 2.1-22 e Judas 4-16: “e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia;” (Jd 6). Em Judas há maior detalhamento quanto ao pecado cometido por tais anjos: a) violação do seu estado original e, b) abandono do seu próprio domicílio. Vejamos, então as duas hipóteses:

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

1ª hipótese: Muitos entendem que os anjos pecaram quando seguiram a Satanás quando este se rebelou contra Deus: “A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra;” (Ap 12.4; ver tb Is 12.7-9; Is 14.12). É curioso que nas Escrituras não há registros diretos da rebelião de Satanás e seus seguidores. Os dois textos mais utilizados para se extrair informações sobre Satanás e sobre o tal incidente são Isaías 14.12-15 (uma denúncia contra a Babilônia) e Ezequiel 28.12-15 (a lamentação contra o rei de Tiro). O apóstolo Paulo caminha nessa mesma linha quando se refere à condenação do diabo (1Tm 3.6), orgulho, ambição e tentativa de usurpar a posição de Deus. Menciona também os demônios que atuam ao seu lado (Ef 6.11-12). Jesus reconheceu a existência do diabo (Mt 13.39; Lc 10.18; 11.18) e fez menção dele como homicida, mentiroso e pai da mentira (Jo 8.44).

2ª hipótese: Outros entendem que a referência é ao registro de Gênesis 6.1-4, antes do dilúvio, quando supostamente um grupo de anjos (filhos de Deus⁹) se envolveram com mulheres formosas (as filhas dos homens) e geraram criaturas híbridas (meio homem, meio anjo), os gigantes (hb. *nephilim* ver tb Nm 13.33). Assim, o pecado deles estava relacionado à concupiscência e abandono do seu estado original. Segundo esses comentaristas, tal ação teria sido orquestrada por Satanás, na tentativa de desumanizar a raça humana e, assim, impossibilitar a encarnação de Jesus (Gn 3.15) e, subsequentemente, sua obra de redenção na cruz. Dizem, ainda, tais intérpretes que a resposta de Deus foi o dilúvio, enviado para aniquilar essa raça híbrida de seres e restaurar a situação da humanidade. Completam o cenário argumentando que foi a esses espíritos em prisão que Jesus pregou, após a sua morte e antes da sua ressurreição, conforme 1Pedro 3.19-20.

⁹ Filhos de Deus – No AT há vários registros de “filhos de Deus” referindo-se a anjos (Jó 1.6; 2.1; 38.7)

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

Embora isso tudo possa fazer algum sentido para essas pessoas, provavelmente não passa de uma interpretação fantasiosa. É certo que os anjos são “espíritos” ministradores (Hb 1.14), não visíveis, que têm a capacidade de mudar sua aparência e, em missões especiais, apareceram em forma humana e até comeram (Gn 18.8). Jesus ressuscitado atravessava paredes e também comia (Lc 24.42-43). Para nós seres humanos é difícil entender a estrutura desse corpo de Jesus pós-ressurreição e do corpo dos anjos. Esses seres criados por Deus (Cl 1.16), citados na bíblia cerca de 277 vezes (“anjo” e “anjos”), segundo Jesus, são seres assexuados, que não se casam e não procriam (Mt 22.30; Mc 12.25).

Portanto, sobre Gênesis 6.1-4, temos os seguintes entendimentos:

- a) Trata-se da descrição do contexto humano corrompido no período que antecedeu ao dilúvio. Diante da disseminação da maldade humana (Gn 6.5) o veredito de Deus foi dado: *“Então, disse o SENHOR: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal;”* (Gn 6.3). Note-se que o cerne do problema ali em foco é o pecado do homem e não de anjos.
- b) Os “filhos de Deus” muito provavelmente são uma referência à descendência abençoada de Sete, filho de Adão (Gn 4.25) e as “filhas dos homens” à descendência amaldiçoada de Caim (Gn 4.11-16).
- c) Quanto a gigantes, o versículo 4 é bem claro ao narrar que *“naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens...”*. Portanto, gigantes ou *nefilins* (hb.) já existiam na terra e não são fruto de qualquer

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

união angelical e humana. Os frutos dessa união foram simplesmente “varões valentes”.

- d) A intenção de Deus no dilúvio foi: *“Farei desaparecer da face da terra o homem que criou, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; ...”* (Gn 6.7). Não há na narrativa qualquer menção a seres híbridos esquisitos, semi-humanos ou semiangelicais na mira do extermínio divino. Mesmo após o dilúvio encontramos o registro da existência de gigantes ou nefilins (Nm 13.33, ver tb Dt 2.10-11; Js 11.22; 14.15; 1Cr 20.6). Em Deuteronômio 3.11 encontramos a menção das medidas do leito do rei Ogue, o último dos refains, uma raça de gigantes: 9 côvados de comprimento por 4 côvados de largura, isto é, cerca de 4 metros por 1,8 metros. Golias, o gigante guerreiro morto por Davi, tinha a altura de 6 côvados e 1 palmo, ou cerca de 2,90m. No Guinness World Records há o registro do homem mais alto do mundo, o turco Sultan Kosen, com 2,51 metros de altura.



Sultan Kosen (2,51m)



Photoshop?

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

“precipitando-os no inferno”

Inferno, neste ponto é *“tártaros”* (gr.). Na bíblia, várias palavras são usadas para fazer referência ao mundo ou lugar dos mortos, bem como ao lugar de destino dos ímpios e do suplício eterno destes.

No Novo Testamento temos *“abyssos”* (gr) (abismo) como lugar de prisão, de confinamento para os maus espíritos ou demônios, inclusive Satanás (Lc 8.31, Ap 9.1-2, 20.1, 3). Entretanto, esta palavra também é empregada para indicar o mundo dos mortos (Rm 10.7; Sl 88.11).

“Hades” (gr) e *“Sheol”* (hb) refere-se ao lugar de habitação temporária dos mortos, o mundo subterrâneo que recebe os mortos. No Antigo Testamento é um lugar de trevas e sem volta, sem lembrança de Deus (Jo 10.21-22; Sl 6.5). No Novo Testamento há dez ocorrências dessa palavra, sendo traduzida para “inferno” 7 vezes (Mt 11.23; 16.18; Lc 10.15; 16.23; Ap 1.18; 6.8; 20.14), para “morte” 2 vezes (At 2.31; 1Co 15.55) e para “além” 1 vez (Ap 20.13).

“Geena” (gr) é uma expressão que se relaciona com o vale de Hinom ou vale do filho (ou filhos) de Hinon)(Jr 7.31), um vale situado a sudoeste de Jerusalém, entre a estrada que vai para Belém e a que vai para o mar Morto. Estava na divisa entre Judá e Benjamim (Js 15.8; 18.16; Is 31.9; 55.24; Jr 32.35; 2Cr 33.6). Neste vale eram oferecidos sacrifícios de crianças no culto a Moloque (2Rs 16.3; 21.6). Josias mandou profaná-lo (2Rs 23.10). Mais tarde era lugar onde se queimava lixo. *Geena* é a forma grega do hebraico *ge-hinom*, que quer dizer "vale de Hinom". A palavra *geena* ocorre 12 vezes no Novo Testamento e é traduzida por "inferno" (Mt 5.22, 29, 30; 10.28; 18.9; 23.15, 33; Mc 9.43, 45, 47; Lc 12.15; Tg 3.6). É o lugar de castigo escatológico depois do juízo final, castigo este de eterna duração (Mt 25.41, 46; 23.15, 33). Ali se julgam o corpo e a alma (Mc 9.43, 45, 47-48; Mt 10.28). Também devia

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

ser distinguido do Hades que abriga as almas dos mortos antes do juízo final. O mesmo castigo está determinado a Satanás, os demônios, a besta, o falso profeta, a morte e Hades (Mt 25.41; 8.29; Ap 19.20; 20.10, 14-15).

Alguns intérpretes bíblicos entendem que o *Sheol*, ou *Hades*, é dividido em dois “compartimentos” – um era o “Paraíso” (Lc 23.43; 2Co 12.3-4) ou “seio de Abraão” (Lc 16.22), a morada dos redimidos, e o outro o *Sheol* ou o *Hades* ou o inferno propriamente, um lugar de tormento (Lc 16.23, 28), baseando-se na narrativa do Rico e Lázaro (Lc 16.19-31).

“*Tártaro*” (gr) aparece no Novo Testamento apenas uma vez (2Pe 2.4). É possível que tal termo possa ser o mesmo de “*abyssos*” (gr) (abismo) o lugar de prisão, de confinamento para os maus espíritos ou demônios.

III.2.2 O juízo sobre o mundo antigo

5 e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios;

5 και αρχαιου κοσμου ουκ εφεισατο αλλ ογδοον νωε δικαιοσυνης κηρυκα εφυλαξεν κατακλυσμον κοσμω ασεβων επαξας

O segundo exemplo mencionado por Pedro é o juízo de Deus através do dilúvio, que eliminou da face da terra o mundo antigo, pré-diluviano. Vale lembrar que em todo o Novo Testamento apenas Jesus (Mt 24.38-39; Lc 17.26-27), Pedro (1Pe 3.20; 2Pe 2.5) e o escritor do livro de Hebreus mencionaram Noé e o Dilúvio (Hb 11.7). Sem dúvida, foi o maior juízo divino sobre a humanidade. A ressalva importante aqui é que oito pessoas foram preservadas por Deus de tamanha destruição. A argumentação do apóstolo é que se Deus foi capaz de punir tantos

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

pecadores, certamente não poupará os falsos mestres do devido juízo. Ainda mais porque estes, além de pecar, conscientemente laboram para perverter outras pessoas, conduzindo-as a pecar.

.....

Dilúvio (Gn 6.5):

 O dilúvio não é um mito. Foi uma enchente global sobre a terra, enviada por Deus, para destruir a humanidade corrompida. Camadas e mais camadas de sedimentação e fósseis de animais repentinamente mortos, comprovam a extensão global do dilúvio.

 Cerca de 213 lendas antigas catalogadas, por antropólogos, de tribos e povos de toda a terra, também mencionam esse evento catastrófico.

 Cientistas calculam que havia cerca de 1.075.100 espécies na terra e que muitas dessas sobreviviam na água. Calculam que cerca de 50.000 animais, adultos jovens cujo tamanho médio é o de uma ovelha, poderiam ser acomodados nela, ocupando apenas 37% do seu espaço. A arca teria 3.000m² e 5.600m³ o que equivale a 569 vagões de carga de trens modernos. Cada vagão com andar duplo acomoda cerca de 240 ovelhas. Assim, 207 vagões acomodam 49.680 animais, sobrando ainda 361 vagões.

 A Bíblia não registra o tempo de construção da arca. Quando gerou seus filhos, Noé tinha 500 anos (Gn 5.32). Quando ele recebeu a ordem divina para a construção da arca, seus filhos já estavam casados. Seu filho mais velho, Sem, tinha 98 anos no dilúvio (Gn 11.10). Quando começou o dilúvio ele tinha 600 anos (Gn 7.11). Assim sendo, a construção demorou menos de 98 anos. Certamente outras pessoas, além da família de Noé, ajudaram na

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

construção. Sua relação comprimento x largura (6 x 1) garantia excelente estabilidade em alto mar (C=135m x L=22,5m x A=13,5m).

☁ Deus mesmo trouxe os animais à Noé. E, sobrenaturalmente foram mantidos ali, inclusive com hibernação sobrenatural.

☁ Choveu 40 dias e noites (Gn 7.12). As águas permaneceram sobre a terra por 371 dias (Gn 8.14).

☁ Nunca antes havia chovido sobre a terra e um vapor subia do solo e regava a vegetação (Gn 2.6).

☁ As águas vieram de cima (Gn 7.11), de uma cobertura de vapor que envolvia toda a terra, que se condensou. Esse vapor tinha o efeito de uma estufa, que favorecia a vida longa das pessoas até aquela ocasião. Em Gênesis 6.3 há a menção de que os dias dos homens seriam de 120 anos. Não fica claro no texto se Deus estaria se referindo à nova longevidade das pessoas (que até então era de cerca de 900 anos) ou ao tempo de duração daquela humanidade ímpia, daquele momento de sua fala até a destruição desta pelo dilúvio. O fato é que após o dilúvio, a longevidade humana começou a cair vertiginosamente.

☁ As águas também vieram de baixo (Gn 7.11), das profundezas.

☁ O dilúvio provocou grandes mudanças na crosta terrestre, criando novos montes, vales, lagos etc. (Sl 104.8).

☁ Apenas 8 pessoas sobreviveram ao dilúvio e a humanidade atual descende deles (Gn 7.21-23).

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

III.2.3 O juízo sobre Sodoma e Gomorra

6 e, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa, tendo-as posto como exemplo a quantos venham a viver impiamente;

6 και πολεις σοδομων και γομορρας τεφρωσας καταστροφη κατεκρινεν υποδειγμα μελλοντων ασεβειν θεεικως

Se, no segundo exemplo, quase todo o mundo antigo foi julgado, condenado e destruído, neste terceiro exemplo, igualmente conhecido por todos, duas cidades inteiras, Sodoma e Gomorra, foram exterminadas pelo juízo divino. Mais uma prova incontestável de que Deus está no controle de todas as coisas, tomando as medidas cabíveis, em cada caso. O apóstolo ressalta a natureza didática de tais juízos, isto é, além de conter o avanço da maldade humana, serviam como exemplo e de advertência para todos os sobreviventes, seus descendentes e futuras gerações. Cada ser humano, tem nesses juízos passados, elementos suficientes para saber que Deus é um Deus de misericórdia, que preserva os justos, mas que não deixará impune os pecadores impenitentes. O que o homem semear isso também ele ceifará; e, no devido tempo Deus há de retribuir a cada um o bem ou o mal que fizer.

7 e livrou o justo Ló, afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados

7 και δικαιον λωτ καταπονουμενον υπο της των αθεσμων εν ασελγεια αναστροφης ερρυσατο

8 (porque este justo, pelo que via e ouvia quando habitava entre eles, atormentava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles),

8 βλεμματι γαρ και ακοη ο δικαιος εγκατοικων εν αυτοις ημεραν εξ ημερας ψυχην δικαιαν ανομοις εργοις εβασανιζεν

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

Concluindo sua argumentação sobre o inevitável juízo divino sobre os falsos mestres, neste terceiro exemplo em que menciona a destruição de Sodoma e Gomorra, Pedro destaca o caráter misericordioso de Deus em livrar do juízo os piedosos, aqueles que são capazes de não se contaminar com as práticas pecaminosas do ambiente em que vivem. Ao ler o relato da separação entre Abraão de Ló (Gn 13) fica uma impressão não muito positiva de Ló, inclusive alguns se referem a ele como uma “figura da carne”, pois, quando lhe foi dada a oportunidade de escolher a terra para onde ir, escolheu a que lhe parecia melhor – bem regada, boa para o gado e para plantio (Gn 13.10). Na sequência, diz o texto bíblico que ele foi se aproximando, dia após dia, *“armando suas tendas até Sodoma”*, uma cidade pervertida (Gn 13.12; 18.20-21).

Quando os dois anjos chegaram em Sodoma, ele estava assentado à porta da cidade, o lugar onde ficavam os juizes do povo, pois havia se estabelecido ali, com sua família (Gn 19.1 e 9). Ele recebeu, acolheu e tentou proteger os anjos do Senhor e foi obediente às orientações que deram, fugindo da cidade antes da sua destruição. Na verdade, sua demora em sair fez com que os anjos praticamente arrastassem, a ele e sua família, para fora da cidade (Gn 19.16). Tal libertação parece ter sido operada por Deus, em consideração a Abraão (Gn 19.29). Entretanto, é aqui nesta epístola de Pedro que nos são revelados alguns aspectos do personagem Ló: a) que ele era justo; b) que ele se afligia com o comportamento pecaminoso daquele povo.

Cabe aqui uma reflexão quanto ao nosso sentimento e à nossa atitude em relação ao “procedimento libertino” daqueles que nos rodeiam. Estamos sendo afligidos e nos sentindo incomodados ou indiferentes? Estamos fazendo alguma coisa para mudar isso ou estamos sendo influenciados a proceder da mesma forma?

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

- 9 *é porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo,*
9 *οιδεν κυριος ευσεβεις εκ πειρασμου ρυεσθαι αδικους δε εις ημεραν κρισεως κολαζομενους τηρειν*

Finalmente, o apóstolo ressalta o diferencial da ação de Deus sobre os piedosos e sobre os pecadores. Aos piedosos o Senhor guarda, livra e preserva do mal. Nem tanto pelo mérito destes, mas pelos méritos de Cristo, tal como Ló parece ter sido alcançado pelos méritos de Abraão (Gn 19.29). Aos injustos, assegura que receberão, no devido tempo, o justo juízo e castigo. Os ímpios podem até negar a existência de Deus ou desconsiderar o seu juízo; mas ele tem dia e hora marcada para acontecer!

III.3 – Eles têm características próprias de ser e de agir (2.10-19)

- 10 *especialmente aqueles que, seguindo a carne, andam em imundas paixões e menosprezam qualquer governo. Atrevidos, arrogantes, não temem difamar autoridades superiores,*
10 *μαλιστα δε τους οπισω σαρκος εν επιθυμια μiasμου πορευομενους και κυριοτητος καταφρονουντας τολμηται αυθαδεις δοξας ου τρεμουσιν βλασφημουντες*
11 *ao passo que anjos, embora maiores em força e poder, não proferem contra elas juízo infamante na presença do Senhor.*
11 *οπου αγγελοι ισχυι και δυναμει μειζονες οντες ου φερουσιν κατ αυτων παρα κυριω βλασφημον κρισιν*

Pedro identifica duas marcas centrais dos falsos mestres: imoralidade sexual e rebeldia contra autoridade. Eles não apenas erram na doutrina; vivem dissolutamente e rejeitam qualquer senhorio – inclusive o de Cristo.

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

➤ Seguindo a carne...

Pedro descreve pessoas dominadas pela arrogância e pela imoralidade. Elas rejeitam toda forma de autoridade – tanto humana quanto espiritual. Sua teologia libertina em nada contribui para a santificação que todo cristão deve buscar. Jesus pagou um preço imensurável, o seu sangue derramado na cruz, a sua vida doada em lugar da nossa, para nos transportar do império das trevas para o reino do Filho do seu amor (Cl 1.3); para que nós vivêssemos em novidade de vida, uma vida diferenciada, agradável a Deus (1Pe 1.18). Por que voltar para as trevas? Por que transformar a Graça de Deus em Graça Conveniente, fazendo o que agrada a carne e não ao Espírito Santo?

➤ Desprezam governos e difamam autoridades superiores

Outra marca característica destes é sua inclinação e promoção da anarquia, pois estão desconectados do senhorio de Cristo. Não estão dispostos a se sujeitar ou submeter a governos e lideranças, leis e regras estabelecidas, pois eles próprios querem se impor sobre os outros e lhes inculcar seus sonhos alucinados e suas imundas paixões que contaminam a carne. Difamar as autoridades é o caminho mais curto para desacreditá-las, promovendo rebeldia e, assim, impor sua malignidade.

Estas colocações de Pedro encontram eco nas afirmações de Judas: *“Ora, estes, da mesma sorte, quais sonhadores alucinados, não só contaminam a carne, como também rejeitam governo e difamam autoridades superiores”* (Jd 8)

➤ O exemplo dos anjos

Pedro argumenta que até os anjos – seres muito superiores em poder – não agem com arrogância e não ousam pronunciar acusações

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

injuriosas no trato com autoridades espirituais. Se até eles demonstram reverência, quanto mais os humanos deveriam fazê-lo. O contraste reforça a insensatez e presunção dos falsos mestres. A comparação expõe a presunção dos falsos mestres – falam irreverentemente do que não compreendem.

É curioso que tratando desse mesmo assunto Judas faça uma citação retirada da literatura apócrifa, provavelmente a obra “Assunção de Moisés” para ilustrar esse modo de agir dos anjos (Jd 9). Independentemente de ele acreditar ou não nesta história é interessante considerar a mensagem que Judas quis transmitir. De um lado, o arcanjo Miguel que significa “quem é como Deus” é citado, o mesmo que foi referido no livro de Daniel como “um dos primeiros príncipes” (Dn 10.13, 21) e “o grande príncipe” (Dn 12.1), o guardião designado por Deus para Israel, aquele que peleja as batalhas de Deus (Ap 12.7). Do outro lado o diabo, o príncipe das trevas, o maioral dos anjos maus e caídos. O recado de Judas é que nem este iminente arcanjo de Deus ousou insultar ou falar mal ou difamar o seu contumaz oponente, o diabo – *“Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda!”* (Jd 9). O recado de Judas é que Miguel nos dá o exemplo de não difamar as autoridades, mas entregá-las à repreensão do Senhor.

12 *Esses, todavia, como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição, falando mal daquilo em que são ignorantes, na sua destruição também hão de ser destruídos,*

12 *ουτοι δε ως αλογα ζωα φυσικα γεγεννημενα εις αλωσιν και φθοραν εν οις αγνοουσιν βλασφημουντες εν τη φθορα αυτων καταφθαρησονται*

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

➤ **Brutos irracionais**

Pedro usa linguagem forte para descrevê-los. Os falsos mestres são comparados a criaturas irracionais (tal qual animais) que agem por instinto e são dominados por impulsos. A imagem é forte: quem vive apenas por impulsos se autodestrói.

➤ **Difamam o que não entendem**

De fato, dá trabalho e demanda algum esforço mental entender determinadas coisas. Em se tratando de entender coisas espirituais, todo o esforço meramente humano será inútil. Apenas o Espírito Santo que em nós habita será capaz de revelar-nos a verdade divina (Jo 14.26; 1Co 2.10).

Se os animais irracionais são guiados pelo seu instinto natural, por que não esses difamadores? É claro que eles, firmados na carne, na sua visão bruta de ser caído, não regenerados pelo Espírito de Deus, conseguem alcançar algum conhecimento, alguma compreensão das coisas que acontecem ao seu redor. Deus nos dotou de consciência, de senso de moralidade. Mas, como seres caídos, se corrompem, não conseguem alcançar e manter o padrão divino. Foi exatamente por causa dessa incapacidade humana que Deus nos deu o seu Filho, para nos resgatar e nos capacitar com seu Espírito, para termos o domínio sobre o pecado.

Nesta mesma linha Judas assim se expressa: *“Estes, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas coisas se corrompem.”* (Jd 10)

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

Eles zombam do que não compreendem e acabam destruídos pelas mesmas forças que desprezam – as realidades espirituais que não entendem. A degradação moral acompanha o erro teológico.

13 recebendo injustiça por salário da injustiça que praticam. Considerando como prazer a sua luxúria carnal em pleno dia, quais nódoas e deformidades, eles se regalam nas suas próprias mistificações, enquanto banqueteiavam junto convosco;

13 κομιουμενοι μισθον αδικιας ηδονην ηγουμενοι την εν ημερα τρυφην σπιλοι και μωμοι εντρυφωντες εν ταις απαιταις αυτων συνευωχουμενοι υμιν

➤ Salário da injustiça

Aqui aparece o princípio da retribuição divina. É a lei da colheita conforme a sementeira – semearam injustiça, colherão injustiça.

➤ Luxúria carnal

É o desejo desordenado e intenso voltado para a satisfação dos desejos e prazeres imorais. Eles transformam prazer em estilo de vida e envergonham a comunhão cristã. São “nódoas” ou manchas nas refeições comunitárias, perturbando a comunhão. A ideia é que a presença deles contamina o ambiente espiritual. O pecado deles é público e escandaloso.

14 tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes, tendo coração exercitado na avareza, filhos malditos;

14 οφθαλμους εχοντες μεστους μοιχαλιδος και ακαταπαυστους αμαρτιας δελεαζοντες ψυχας αστηρικτους καρδιαν γεγυμνασμενην πλεονεξιαις εχοντες καταρας τεκνα

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

➤ Olhos cheios de adultério

A descrição é muito forte e vívida de um estado avançado de corrupção interior. São pessoas com característica de sensualidade constante e insaciável. A expressão sugere prática habitual, não queda ocasional.

➤ Insaciáveis no pecado

O grego original dessa expressão é *ακαταπαυστους αμαρτίας* (*akatapaustouv hamartiav*) com a ideia de não ser apenas um desejo forte, mas impulso contínuo e incontrolado de pecar. As pessoas se tornam escravas das paixões que permitem que as dominem por longo tempo. Sabemos que apenas a regeneração e habitação do Espírito Santo nos permite a libertação da escravidão do pecado – “*Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.*” (Rm 6.14)

➤ Engodando almas inconstantes

Esses falsos mestres se empenham em seduzir aquelas pessoas instáveis. Sim, porque há pessoas religiosas, muitas vezes atraídas pelas novidades que não se firmaram nas verdades das Escrituras. A palavra grega traduzida por “engodando” é *δელεαζοντες* (*deleazontev*) que tem o sentido de “atrair com isca, seduzir, pôr armadilha, capturar como quem pesca ou caça”. É um termo de caça e pesca – implica intenção estratégica, não impulso casual. Daí a importância que o apóstolo dá a se estar firmado na verdade. Os falsos mestres não mediam esforços para distorcer os ensinamentos dos apóstolos.

➤ Coração exercitado na avareza

Não é difícil imaginar que os falsos mestres – de ontem, de hoje e de sempre – não agem movidos por aquele zelo santo em defesa da sã

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

doutrina. O verdadeiro motivo não é espiritual, mas, quase sempre de obter algum retorno ou lucro financeiro. Eram mercenários e não servos de Deus, treinados na avareza e interessados em tirar algum proveito material dos espiritualmente imaturos que lhes dessem atenção.

➤ Filhos malditos

A expressão “filhos malditos” (ou “filhos de maldição”) é uma das declarações mais fortes do Novo Testamento sobre falsos mestres. Não tem qualquer relação com maldição hereditária, mas de reputação moral e espiritual decorrente de mau comportamento. E Jesus tratou desse mesmo tema com palavras igualmente severas.

Na cultura hebraica era muito comum a expressão “filho de...” para identificar uma pessoa: “Tiago, filho de Zebedeu” (Mt 4.21); “Tiago, filho de Alfeu” (Mt 10.2). Também se refere a pessoas caracterizadas por algo, moldadas por aquilo que as domina.

Num sentido **positivo**, temos:

- “filhos da luz” (1Ts 5.5) – pessoas moldadas e guiadas pela luz.

Num sentido **negativo**, temos:

- “filhos da desobediência” (Cl 3.6) – pessoas marcadas pela rebeldia.
- “filhos do diabo” (Jo 8.44) – pessoas que reproduzem as obras do diabo.
- “filhos da ira” (Ef 2.3) – pessoas sob juízo por causa de seu modo de vida.

Assim, neste sentido, “filhos de maldição” significa:

- ➡ Pessoas cuja vida produz aquilo que merece juízo.

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

Não é uma maldição lançada sobre elas, mas o resultado inevitável de seu caráter e ações. São pessoas que se tornaram tão alinhadas ao mal que sua vida inteira aponta para o juízo, não para a bênção. Portanto, trata-se de categoria moral, não biológica.

O padrão é sempre o mesmo – filho é alguém que reflete o caráter do “pai” (seja Deus, seja o mal). Pedro, portanto, está dizendo que os falsos mestres refletem o caráter da maldição, não o de Deus.

O que Jesus ensinou sobre enganar outros?

Jesus falou de forma ainda mais severa sobre quem leva outros ao pecado ou desvia pessoas da verdade.

Escandalizar os pequeninos (Mt 18.6)

Jesus disse que quem fizer tropeçar um dos “pequeninos” (discípulos vulneráveis) estaria melhor morto do que continuar causando dano espiritual. É uma das declarações mais duras de todo o evangelho: *“Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar.”*

Falsos profetas como lobos (Mt 7.15; comp. At 20.29)

Jesus advertiu que falsos mestres vêm “vestidos de ovelhas”, mas por dentro são predadores. A imagem é idêntica à de Pedro: aparência piedosa, intenção destrutiva.

Cegos guiando cegos (Mt 15.14; 23.16)

Jesus disse que líderes espirituais corruptos conduzem outros à ruína. A questão é dupla: eles se perdem, e arrastam outros com eles.

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

🔴 Filhos do diabo (Jo 8.44)

Jesus usa linguagem semelhante à de Pedro. Quem mente, engana e distorce a verdade está reproduzindo o caráter do diabo, “pai da mentira”.

🔴 Ai dos escribas e fariseus (Mt 23)

Jesus acusa líderes religiosos de fechar o Reino para outros, explorar pessoas, fazer discípulos piores do que eles mesmos, parecer santos por fora, mas serem corruptos por dentro.

O discípulo reproduziu bem do seu Mestre. Pedro e Jesus se conectam e o paralelo é significativo:

- Ambos usam linguagem de identidade moral (“filhos de...”).
- Ambos veem o engano espiritual como um dos pecados mais graves.
- Ambos afirmam que enganar outros é pior do que apenas pecar sozinho.
- Ambos descrevem falsos mestres como predadores espirituais.
- Ambos afirmam que o fim dessas pessoas é juízo severo.

Enfim, ambos denunciam hipocrisia, ganância, manipulação e destruição espiritual. A mensagem é clara: Quem usa a fé para enganar, explorar ou desviar outros se coloca no caminho da maldição, não da bênção.

15 abandonando o reto caminho, se extraviaram, seguindo pelo caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça

15 καταλιποντες την ευθειαν οδον επλανηθησαν εξακολουθησαντες τη οδω του βαλααμ του βοσπορ ος μισθον αδικιας ηγαπησεν

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

16 (recebeu, porém, castigo da sua transgressão, a saber, um mudo animal de carga, falando com voz humana, refreou a insensatez do profeta).

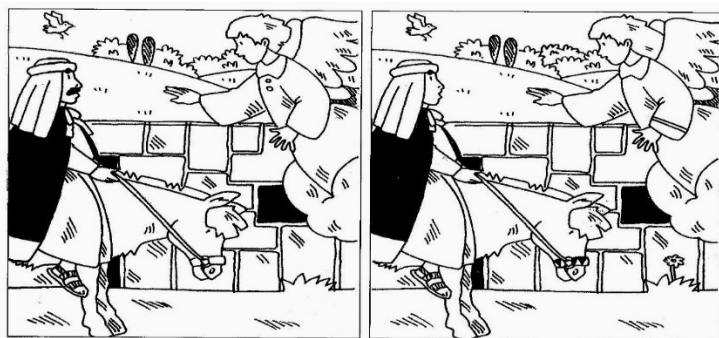
16 ἐλεγξιν δε εσχεν ιδιας παρανομιας υποζυγιον αφωνον εν ανθρωπου φωνη φθεγξαμενον εκωλυσεν την του προφητου παραφρονιαν

A história de Balaão, filho de Beor, o adivinho (Js 24.22), que prestava serviços espirituais ou era alugado para isso (Dt 23.4) pelo “preço dos encantamentos” (Nm 22.7), está registrada em Números 22 a 24. Sua morte é mencionada em Números 31.8 e Josué 13.22. Sua estratégia maligna contra o povo de Israel, para fazê-lo pecar e perder a proteção divina e, assim, ser derrotado, se encontra em Números 31.16. Tal feito tão inaudito mereceu várias citações no Antigo testamento (Dt 23.4-5; Js 24.9-10; Ne 13.2; Mq 6.5) e, também, no Novo Testamento (2Pe 2.15; Jd 11; Ap 2.4). Alguém poderia justificar tamanha publicidade pelo acontecimento mais inaudito ainda, que foi sua jumenta falar (Nm 22.28). Ledo engano, não foi essa a razão de tanta publicidade. No tempo da igreja primitiva, tal estratégia maligna ainda foi mencionada por Judas e pelos apóstolos Pedro e João, para servir de alerta contra os falsos mestres ou líderes que seguiam pelo “caminho de Balaão” (2Pe 2.15) ou se precipitaram no “erro de Balaão” (Jd 11) ou sustentavam a “doutrina de Balaão” (Ap 2.14).

Quem nunca ouviu falar no jogo dos 7 erros? Nele há duas figuras, uma original e outra a cópia. A cópia parece ser igual a original, mas não é, pois contém sete diferenças introduzidas de propósito. O objetivo do jogo é encontrar esses sete “erros” da cópia. Assim acontece também com Balaão, parece que é um profeta de Deus, mas não é!

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)



Encontre, no texto bíblico, esses sete erros:

1º erro: Parece ser profeta de Deus (Nm 22.6; 24-15-25)

Balaão era uma figura enigmática, misteriosa. Não era hebreu e vivia na Mesopotâmia, em Petor, junto ao Rio Eufrates (Nm 22.5). Porque ele também consultava a Deus e Deus vinha a ele (Nm 22.8-12); porque ele profetizou acontecimentos futuros (Nm 24.14-24); então, os mais apressados, deduzem logo tratar-se de um homem “convertido”, temente a Deus, profeta de Deus. Cuidado, nem tudo que reluz é ouro. Que fique bem claro que Deus é soberano e fala com quem ele quiser e da forma que achar melhor. Se ele falou através da jumenta de Balaão, o que lhe impediria de falar com o próprio ou através dele? O que a Bíblia diz efetivamente de Balaão ou o que se pode depreender da sua leitura é que ele era um adivinho (Js 13.22), um vidente (“homem de olhos abertos” – Nm 24.15), alguém que vivia uma fé mesclada, um sincretismo espiritual, que incluía encantamentos e agouros (Nm 22.7; 24.1). Pode ser considerado um “profeta pagão” que desfrutava de grande reputação e prestígio, ao ponto de ser lembrado pelo rei dos moabitas, Balaque, para uma missão salvadora. Apavorado com a performance devastadora dos exércitos de Israel, Balaque enxerga como única saída para a sobrevivência do seu povo, uma ação efetiva

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

no mundo espiritual. Para tanto, ele resolve lançar mão do poder irrefutável de Balaão, de abençoar ou de amaldiçoar (Nm 22.6).

2º erro: Parece ter comunhão com Deus (Nm 22.8-11)

Crente imaturo na fé e que não estuda a Bíblia, tem vocação para ser enganado e todos sabemos quem é o pai da mentira, o mestre dos enganadores. Em algumas igrejas, principalmente pentecostais ou neopentecostais, basta chegar alguém “falando em línguas” ou testemunhando ter sido poderosa e milagrosamente usado(a) por Deus, para ser reverenciado(a). Se Balaão vivesse em nossos dias, certamente seria um desses líderes denominacionais que arrasta multidões e ocupa uma vasta grade na mídia televisiva. É inegável que ele tinha contato com o Senhor, mas comunhão com o Senhor é outra coisa. Ele chega a impressionar os incautos, aparentando uma total dependência do Senhor: *“Balaão lhes disse: Ficai aqui esta noite, e vos trarei a resposta, como o SENHOR me falar;”* (Nm 22.8). Ele falava com Deus, apresentando-lhe a verdade dos fatos: *“Eis que o povo que saiu do Egito cobre a face da terra; vem, agora, amaldiçoa-mo; talvez eu possa combatê-lo e lançá-lo fora.”* (Nm 22.11). De igual forma, Deus falava com ele, fazendo-o conhecer a sua vontade: *“Então, disse Deus a Balaão: Não irás com eles, nem amaldiçoarás o povo; porque é povo abençoado.”* (Nm 22.12). Que coisa linda e impressionante, mas era apenas contato. Outros detalhes do relato bíblico nos ajudarão a entender quem realmente era esse Balaão. Talvez, algum dia, possamos compreender a razão de Deus usar determinados tipos de pessoas, como Balaão.

3º erro: Parece querer fazer a vontade de Deus (Nm 22.13, 38)

Quando recebeu a primeira comitiva enviada por Balaque, Balaão fez questão de dizer-lhes que iria consultar o Senhor. Passou para eles a impressão de que vivia numa total e mística dependência do Senhor

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

e de sua vontade. Ele consultou e Deus lhe deu resposta clara e objetiva: “...*Não irás com eles, nem amaldiçoarás o povo; porque é povo abençoado.*” (Nm 22.12). E, o que ele repassou para a comitiva? A resposta do Senhor? Não, mas a resposta que ele achou conveniente passar: “...*Tornai à vossa terra, porque o SENHOR recusa deixar-me ir convosco.*” (Nm 22.13b). Era uma resposta esvaziada da verdade divina. Era uma resposta que não fechava completamente as portas; a explicitação da dificuldade poderia induzir a uma maior generosidade por parte do contratante dos seus serviços. Era uma resposta que manifestava o verdadeiro caráter desse homem. Não há dúvida de que ele estava excitado com a proposta recebida e suas compensações. Seu foco não estava na realização da vontade do Senhor. Sua resposta para a comitiva, expressa de outra forma, ficaria assim: “Por mim, eu iria com vocês, mas o Senhor está me impedindo de fazer isso”. Um verdadeiro homem ou mulher de Deus, quando toma conhecimento da vontade do Senhor, não somente a transmite aos outros de forma integral e fiel, mas a assume, como expressão da sua própria vontade.

Mais adiante, após receber a segunda comitiva do rei, de passar um aperto com a sua jumenta e de ser advertido e pressionado pelo Anjo do Senhor, que lhe disse: “...*Vai-te com estes homens; mas somente aquilo que eu te disser, isso falarás.*” (Nm 22.35), ele chegou à presença do rei Balaque e disse-lhe: “*Respondeu Balaão a Balaque: Eis-me perante ti; acaso, poderei eu, agora, falar alguma coisa? A palavra que Deus puser na minha boca, essa falarei.*” (Nm 22.38). A situação ficou apertada para ele, pois foi forçado por Deus a agir segundo a sua vontade, que era de abençoar e não de amaldiçoar o povo de Israel. Após ter abençoado Israel, pela primeira vez, e, sendo questionado por Balaque, ele responde: “*Mas ele respondeu: Porventura, não terei cuidado de falar o que o SENHOR pôs na minha boca?*” (Nm 23.12). Portanto, ele não era alguém que voluntária e espontaneamente procurava fazer a vontade do Senhor.

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

4º erro: Parece não priorizar recompensas financeiras (Nm 22.18; 2Pe 2.15; Jd 11)

A atitude do rei Balaque, enviando a comitiva que levava consigo “o preço dos encantamentos” (Nm 22.7), nos leva a crer que Balaão era remunerado pelos “serviços espirituais” prestados. Será que ele dava valor a essas recompensas financeiras? Após a primeira recusa de Balaão, Balaque resolve investir pesado para convencê-lo a amaldiçoar seu inimigo. A resposta de Balaão passa a mensagem de que sua fidelidade a Deus não pode ser comprada, pois não está à venda: *“Respondeu Balaão aos oficiais de Balaque: Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia traspassar o mandado do SENHOR, meu Deus, para fazer coisa pequena ou grande;”* (Nm 22.18). Linda e comovente essa declaração, não? Seria verdadeira? Parece que não. O versículo seguinte (v.19) desmascara o vidente: *“para que eu saiba o que mais o SENHOR me dirá”*. O Senhor já havia lhe dito tudo, não havia razão para nova consulta. Mas a sua cobiça não lhe permitia recusar, de imediato, a segunda investida de Balaque.

E tem mais. O apóstolo Pedro se refere aos falsos mestres de seu tempo como aqueles que seguiam pelo caminho de Balaão, *“que amou o prêmio da injustiça”* (2Pe 2.15). Nesta mesma linha, Judas se refere aos que desconstruíam a fé cristã, como pessoas movidas de ganância que se precipitaram no erro de Balaão (Jd 11). As ofertas eram significativas, incluindo riquezas, honra e poder (Nm 22.7, 17; 24.11). Sem dúvida ele ficou fascinado, foi seduzido.

5º erro: Relativiza a palavra de Deus (Nm 22.19-22)

Por que Balaão é daqueles que relativiza a palavra de Deus; não a considera como absoluta e definitiva? Porque ele é do tipo que já conhece o que Deus disse, entretanto, não leva isso muito a sério,

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

principalmente quando esta palavra não é muito favorável aos seus interesses. Então, lhe é muito conveniente, buscar novas revelações, revelações mais fresquinhas: *“agora, pois, rogo-vos que também aqui fiqueis esta noite, para que eu saiba o que mais o SENHOR me dirá.”* (Nm 22.19). Já que ele tornou a consultar o Senhor, o Senhor lhe deu novas instruções: *“Veio, pois, o SENHOR a Balaão, de noite, e disse-lhe: Se aqueles homens vieram chamar-te, levanta-te, vai com eles; todavia, farás somente o que eu te disser. Então, Balaão levantou-se pela manhã, albardou a sua jumenta e partiu com os príncipes de Moabe.”* (Nm 22.20-21). Quando Deus lhe deu uma resposta um pouco diferente, seu coração ficou em festa. Não é que Deus tenha mudado de ideia. Porém, como Balaão estava tão interessado em ir, Deus aproveitou para abençoar seu povo através dele. Na verdade ele não cuidou de observar os detalhes da palavra do Senhor: *“Se aqueles homens vieram chamar-te,”*. É o tipo de gente que ouve primeiro a voz da sua própria vontade, ou distorce a palavra de Deus a favor de seus interesses. Ele foi sem ser chamado e provocou a ira de Deus.

6º erro: Tem más intenções no coração (Nm 22.32)

Balaão estava mesmo determinado a se encontrar com Balaque. Deus conhecia muito bem os propósitos do seu coração que não eram bons: *“Então, o Anjo do SENHOR lhe disse: Por que já três vezes espancaste a jumenta? Eis que eu saí como teu adversário, porque o teu caminho é perverso diante de mim;”* (Nm 22.32). Observe que não estamos de má vontade com Balaão; não se trata de antipatia gratuita. O próprio Anjo do Senhor é quem revela as intenções do coração dele e, por pouco não o matou, poupando a jumenta (Nm 22.33). Vejam que, ainda que alguém da estirpe de Balaão seja seduzido a agir contra os remidos do Senhor, Deus está no controle e nos protege: *“Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel; agora, se poderá dizer de Jacó e de Israel: Que coisas tem feito Deus!”* (Nm 24.23).

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

7º erro: Faz tropeçar o povo de Deus (Nm 25.1-5, 9; 31.16; Ap 2.4)

Parece que Balaque e Balaão não chegaram a um acordo sobre amaldiçoar o povo de Israel. O final do capítulo 24 de Números registra que cada um tomou o seu caminho e foi para a sua terra. Aparentemente o povo de Israel tinha sido poupado da maldição de Balaão. Entretanto, o pior ainda estava por vir. O capítulo 25 de Números traz o triste registro da armadilha maligna na qual o povo caiu. Balaão sabia que não tinha licença ou autorização divina para amaldiçoar Israel, mas sabia muito bem como retirar dele a blindagem da proteção divina. Aparentemente, antes de partir para sua terra, ele fez o trabalho sujo junto às mulheres moabitãs: *“Eis que estas, por conselho de Balaão, fizeram prevaricar os filhos de Israel contra o SENHOR, no caso de Peor, pelo que houve a praga entre a congregação do SENHOR.”* (Nm 31.16).

Os falsos líderes denunciados por Pedro e Judas sabem muito bem como “transformarem em libertinagem a graça de Deus”. *“Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição.”* (Ap 2.4). Aqui temos o ápice da sua malignidade: fazer tropeçar o povo de Deus. Todos os seus erros ou deformidades, citados anteriormente, desaguam nessa perversa e maligna estratégia de desconstruir a fé cristã.

17 Esses tais são como fonte sem água, como névoas impelidas por temporal. Para eles está reservada a negridão das trevas;

17 ουτοι εισιν πηγαι ανυδροι νεφελαι υπο λαιλαπος ελαννομεναι οις ο ζοφος του σκοτους εις αιωνα τετηρηται

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

➤ Fonte sem água

“fonte sem água, como névoas impelidas por temporal.”

Nessa denúncia e descrição que Pedro faz dos falsos mestres há muito em comum na epístola de Judas. Enquanto Judas (Jd 12) os descreve como *“nuvens sem água impelidas pelos ventos;”*, Pedro usa a figura de *“fonte sem água”* e *“névoas impelidas por temporal.”*. Ninguém desconhece o valor das nuvens carregadas de água que regam a terra e mantém a vida vegetal e animal (Sl 147.7-9). Para que servem nuvens vazias ou névoas levadas de um lado para o outro pela força dos ventos? São inúteis (Pv 25.14). Assim são os dissimuladores, estéreis. Prometem, enganam, difundem ensinamentos vazios que não produzem vida, pois não têm a *“água da vida”* para distribuir com os seus ouvintes. E, assim, são impelidos de um lado para o outro, ensinando o erro e frustrando os ingênuos na fé.

Encontrar uma fonte sem água é algo no mínimo frustrante, pois a água é essencial a vida. Se considerarmos a cultura daquela época baseada na agricultura e na pecuária essa figura soava ainda mais forte.

A metáfora aqui é frustração do encontro entre a esterilidade dos falsos mestres e a alma sedenta da verdade do evangelho. Tais névoas, como os falsos mestres, são como as nuvens vazias que em nada contribuem com a irrigação da terra e a produção agrícola. Eles falam e prometem muito, mas são apenas palavras vãs, falsas doutrinas que o vento leva sem produzir qualquer efeito benéfico.

Finalmente, a *“negridão das trevas”* é uma alusão ao destino eterno reservado para esses tais *“filhos de maldição”*.

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

18 porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnaís, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro,

18 υπερογκὰ γὰρ ματαιοτητος φθεγγομενοι δελεαζουσιν εν επιθυμiais σαρκος ασελγειαις τους οντως αποφυγοντας τους εν πλανη αναστρεφομενους

➤ Palavras jactanciosas de vaidade

O sentido no grego aqui expresso é de discurso inchado, que soa impressionante, mas é desproporcional à realidade. O forte dos falsos mestres está na sua retórica, na habilidade com as ideias e as palavras. Eles usam um discurso bonito para seduzir. Tornam-se presas fáceis as pessoas iniciantes na caminhada da fé e aquelas que, mesmo com mais tempo na igreja não se empenham no estudo e meditação na palavra de Deus.

➤ Engodam com paixões carnaís, por suas libertinagens

O verbo “engodar” já foi comentado anteriormente e tem o sentido de iludir, de fisgar pessoas por meio de iscas. Eles procuram oferecer aquela falsa liberdade, com suas muitas concessões à carne, à satisfação dos desejos carnaís e sexuais, sem culpa. Com os seus desejos impuros e imorais enganam as pessoas que estão quase escapando daqueles que vivem no erro.

19 prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor.

19 ελευθεριαν αυτοις επαγγελλομενοι αυτοι δουλοι υπαρχοντες της φθορας ω γαρ τις ηττηται τουτω και δεδουλωται

A grande ironia aqui exposta pelo apóstolo é o fato deles prometerem liberdade, quando, na verdade, vivem escravizados à

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

corrupção. Há um princípio espiritual aqui declarado, de que “somos servos daquilo que nos domina”.

Portanto, essa falsa liberdade é uma falácia, pois, na verdade, configura-se como escravidão moral.

Um exemplo muito simples e antigo, mas recorrente:

Uma estudante disse a outra, que era cristã:

– *Você é escrava da sua religião. Eu fumo porque quero, mas você não pode fumar, porque sua religião não permite.*

A cristã respondeu com tranquilidade:

– *Não é bem assim. Em primeiro lugar, eu não fumo porque faz mal à saúde. Em segundo, porque o cigarro facilmente se torna um vício. Como cristã, aprendi que devo cuidar do meu corpo – que a Bíblia chama de templo do Espírito Santo – e não me deixar dominar por nada.*

Ela continuou:

– *Eu até poderia fumar; ninguém está me impedindo fisicamente. Mas escolho não fumar. Não devo e não quero. Já muitas pessoas que fumam, mesmo quando desejam parar, não conseguem. Nesse caso, quem é realmente livre?*

Não é preciso dizer que a outra estudante ficou sem resposta.

III.4 – As consequências de desviar-se da verdade (2.20-22)

20 *Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro.*

20 *εἰ γὰρ ἀποφυγόντες τὰ μiasμὰ του κόσμου ἐν ἐπιγνώσει του κυρίου και σωτήρος ἰησοῦ χριστοῦ τουτοις δε παλιν ἐμπλακεντες ἡττωνται γεγονεν αυτοις τα εσχάτα χειρονα των πρωτων*

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

Embora não seja dito claramente, entende-se que a referência aqui é aos falsos profetas. De qualquer forma, também se aplica naturalmente a qualquer pessoa que tendo iniciado ou já dado muitos passos na caminhada da fé cristã, deixaram-se dominar e se afastaram da sã doutrina.

➤ **Escapado das corrupções do mundo**

De alguma forma eles experimentaram uma transformação, uma ruptura com o estilo de vida pecaminoso anterior.

➤ **Mediante o conhecimento do Senhor**

“Pelo conhecimento” (*epignosis*) aponta para um conhecimento sustentável, consciente, não meramente superficial. O conhecimento da verdade que liberta e transforma: *“e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”* (Jo 8.32)

➤ **Se deixam enredar de novo e são vencidos**

Se esses indivíduos são aqueles assediados pelas falácias dos falsos mestres, deram ouvidos, se deixaram envolver como presas fáceis e, foram dominados e vencidos, é muito lamentável. Se a referência é aos próprios falsos mestres a situação é igualmente lamentável. Em qualquer dos casos, não se trata de uma queda ocasional, mas de um retorno ao domínio pelo pecado.

➤ **Tornou-se o seu último estado pior que o primeiro.**

O seu último estado é “pior que o primeiro” porque agora há maior responsabilidade e culpa. Antes pecavam na ignorância; agora, pecam contra a luz recebida. A rejeição consciente da verdade traz endurecimento maior.

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

21 *Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado.*

21 *κρείττον γὰρ ἦν αὐτοῖς μὴ ἐπεγνώκεναι τὴν ὁδὸν τῆς δικαιοσύνης ἢ ἐπιγνοῦσιν ἐπιστρέψαι ἐκ τῆς παραδοθείσης αὐτοῖς ἀγίας ἐντολῆς*

Aqui nessas palavras de Pedro há um conceito bíblico muito sério. O conhecimento da verdade do Evangelho impõe uma grande responsabilidade diante de Deus. E a rejeição deliberada implica em punição mais severa.

Jesus afirma que quem conhece a vontade do Senhor e não a pratica será mais responsabilizado do que quem não conhece: *“Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.”* (Lc 12.48b)

O autor de Hebreus fala sobre pessoas que receberam o conhecimento da verdade, mas escolhem rejeitá-la: *“Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.”* (Hb 10.26-27)

22 *Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal.*

22 *συμβέβηκεν δὲ αὐτοῖς τὸ τῆς ἀληθοῦς παροιμίας κυῶν ἐπιστρέψας ἐπὶ τὸ ἴδιον ἐξεραμα καὶ ὑς λουσαμένη εἰς κυλισμα βορβοροῦ*

Pedro encerra o capítulo 2 com duas imagens fortes:

“O cão voltou ao seu próprio vômito” – uma referência a Provérbios 26.11.

2PEDRO

III. PREVENINDO-SE DOS FALSOS MESTRES (2.1-22)

“A porca lavada voltou ao lamaçal” – uma provável citação de um provérbio popular da época.

As figuras revelam algo profundo: O cão continua sendo cão e a porca continua sendo porca. Ou seja, houve limpeza exterior, mas não transformação da natureza interior. A volta ao pecado revela que a mudança não foi regeneração genuína, mas reforma temporária.

Pedro descreve não um cristão regenerado lutando contra o pecado, mas alguém que apenas teve contato com a verdade e a fé cristã que retorna voluntariamente ao que antes o dominava. Mera profissão religiosa ou apenas uma mudança exterior, sem mudança do coração, podem até impressionar pessoas, mas não produzem efeito diante de Deus.

Enfim, as metáforas são fortes, mas o ponto é claro: voltar ao velho padrão de vida depois de conhecer Cristo é espiritualmente um desastre.



2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-16)

IV.1 – O escárnio dos incrédulos (3.1-7)

1 Amados, esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo; em ambas, procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida,

1 ταυτην ηδη αγαπητοι δευτεραν υμιν γραφω επιστολην εν αις διεγειρω υμων εν υπομνησει την ειλικρινη διανοιαν

Pedro identifica seus destinatários como os “eleitos” na sua primeira epístola por duas vezes (1Pe 1.1-2), como “amados” duas vezes (1Pe 2.11; 4.12) e como “irmãos” uma única vez (1Pe 2.17). A palavra “igreja(s)” não é mencionada por ele. Nesta segunda epístola ele não usa o termo “eleitos”, mas fala em confirmar a “vocação e eleição” (2Pe 1.10). Ele prefere referir-se a eles com “Amados”, apenas no capítulo 3 (2Pe 3.1, 8, 14 e 17); também como irmãos (2Pe 1.10). Também nesta segunda epístola a palavra “igreja(s)” não é mencionada por ele.

Pedro se refere a esta como a sua segunda epístola, o que leva a crer que 1Pedro tenha sido a sua primeira. Sendo assim, os destinatários são os mesmos. Ele inicia este último capítulo retomando seu propósito já expresso anteriormente – “sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas coisas,” (2Pe 2.12).

2 para que vos recordeis das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos,

2 μνησθηναι των προειρημενων ρηματων υπο των αγιων προφητων και της των αποστολων ημων εντολης του κυριου και σωτηρος

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

A intenção do apóstolo é despertar e estimular a consciência espiritual. O problema não era ignorância total, mas esquecimento das verdades já ensinadas.

Pedro dá o exemplo daquilo que a liderança espiritual da igreja de qualquer tempo precisa imitar – Ensinar, Repetir e Insistir. A vida cristã depende muito de recordar continuamente a verdade revelada, porque a mente humana tende ao esquecimento. Por outro lado, a cada dia, a cada momento, surgem outras vozes deste mundo tentando impor seus conceitos, ideias e ideologias que precisam ser resistidas.

O conteúdo da mensagem do apóstolo não surpreende – são as Escrituras do Antigo Testamento, bem como, os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos. Hoje temos a bênção de ter em mãos toda essa preciosidade de forma completa – a Bíblia.

3 tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões

3 τουτο πρωτον γνωσκοντες οτι ελευσονται επ εσχατου των ημερων εμπαικται κατα τας ιδιας αυτων επιθυμιας πορευομενοι

A Bíblia adverte sobre o problema dos falsos profetas e falsos mestres, desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento, descrevendo quem são, como agem e qual será o seu destino. Em 2Pedro 2.1-3 o apóstolo já havia feito uma advertência.

Deus procurou alertar o seu povo de que falsos líderes espirituais surgiriam.

No Antigo Testamento:

 Deuteronômio 13.1-3: falsos profetas poderiam até fazer sinais, mas levar o povo à idolatria.

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

☐ Jeremias 23.16: falam “visões do próprio coração”.

No Novo Testamento:

☐ Evangelho de Mateus 24.11: Jesus adverte que *“levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos.”* E em Mateus 24.24 *“porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.”*

☐ Atos dos Apóstolos 20.29–30: O apóstolo Paulo adverte que os tais (lobos vorazes) penetrariam e outros surgiriam até dentro da igreja – *“Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.”* (ver tb Gl 2.4)

☐ 2Coríntios 11.13: O apóstolo acrescenta: *“Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo.”*

Algumas características desses falsos profetas ou falsos mestres são:

► **Eles distorcem a verdade:**

Uma característica central é perverter o ensino de Deus. Eles introduzem “heresias destruidoras” (2Pe 2.1); transformam a graça em libertinagem (Jd 4); ensinam o que as pessoas querem ouvir (2Tm 4.3-4). Assim, o erro doutrinário geralmente aparece de forma sutil e gradual.

► **O caráter deles revela quem são:**

A Bíblia enfatiza que a vida moral denuncia o falso mestre. Jesus ensinou que eles seriam conhecidos pelos seus frutos (Mt 7.15-16). Pedro descreve falsos mestres como: gananciosos, sensuais, arrogantes, manipuladores (2Pedro 2.10-19).

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

► Eles exploram as pessoas:

Outro traço frequente é exploração espiritual e financeira: *“movidos por avareza, farão comércio de vós.”* (2Pe 2.3).

► Adulam pessoas por interesse:

“são aduladores dos outros, por motivos interesseiros.” (Jd 16)

► Eles seduzem os instáveis:

Falsos mestres costumam atingir especialmente pessoas espiritualmente frágeis (2Pe 2.14).

➤ Nos últimos dias

A expressão “nos últimos dias” precisa ser entendida à luz do seu uso no Novo Testamento. Em geral, ela não se refere apenas a um curto período imediatamente antes da volta de Cristo, mas a toda a era inaugurada pela vinda de Cristo.

O Novo Testamento afirma claramente que os últimos dias já haviam começado no tempo dos apóstolos:

📖 Hebreus 1.1–2: o escritor diz que *“nestes últimos dias nos falou pelo Filho”*.

📖 Atos dos Apóstolos 2.16-17: Pedro afirma que a profecia de Joel estava se cumprindo – *“E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne;...”*. Isso mostra que, desde o Pentecostes, a igreja já vive na era final da história da redenção.

Portanto, os “últimos dias” abrangem o tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Ou seja, todo o período da era da igreja. Durante esse tempo haverá: escarnecedores, falsos mestres, incredulidade e expectativa da volta de Cristo. Embora os últimos dias

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

tenham começado no primeiro século, a Bíblia diz que certos sinais se intensificarão perto do fim.

➤ Virão escarnecedores

Pedro não fala apenas de um evento distante. Ele indica algo que já estava acontecendo ou prestes a acontecer. Os apóstolos já viam os escarnecedores surgindo (2Pe 3.3 e Jd 18). Ambos – Pedro e Judas – dizem que nos últimos dias surgiriam escarnecedores, andando segundo as suas ímpias paixões e, Pedro acrescenta que zombariam da promessa da volta de Cristo. Esse tipo de ceticismo já aparecia no primeiro século.

4 e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.

4 και λεγοντες που εστιν η επαγγελια της παρουσιας αυτου αφ ης γαρ οι πατερες εκοιμηθησαν παντα ουτως διαμενει απ αρχης κτισεως

➤ Onde está a promessa da sua vinda?

Desde o início da humanidade, desde o Éden, fica evidente a estratégia maligna de questionar aquilo que Deus diz. A promessa da primeira vinda de Cristo, o Messias Salvador, se realizou, mas foi necessário crer e aguardar por muitos anos. Da mesma forma, é preciso crer e aguardar, o tempo que for necessário, para o cumprimento da promessa da sua Segunda Vinda, pois, assim como aconteceu na primeira, a segunda vinda se dará no *Kairós* de Deus e não no *Chronos* do homem.

Sabedores da fragilidade humana no quesito “esperar” os escarnecedores procuram minar a confiança dos irmãos. Eles argumentam que o mundo parece continuar da mesma forma desde o

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

princípio e concluem que nada extraordinário acontecerá. Na sua argumentação Pedro procura mostrar que essa conclusão ignora eventos decisivos da história divina.

Pedro responde ao ceticismo dos escarnecedores mencionando três acontecimentos marcantes da história, todos caracterizados pela intervenção direta de Deus, que promete e realiza atos de alcance global e consequências históricas profundas:

- ▷ A criação do mundo
- ▷ O juízo pelo dilúvio
- ▷ O juízo final futuro

Esses três eventos demonstram que Deus não está ausente da história. Pelo contrário, ele intervém soberanamente, e a aparente estabilidade do mundo não passa de uma ilusão.

Assim, se os falsos mestres estavam tranquilos e confiantes, imaginando que nenhuma intervenção divina ocorreria no futuro e que não haveria julgamento por suas obras, estavam completamente enganados.

As intervenções de Deus no passado constituem uma evidência clara de que ele continua governando a história e certamente voltará a intervir, cumprindo suas promessas e executando o juízo final.

- 5 *Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus,*
5 *λανθάνει γαρ αυτούς τουτο θελοντας οτι ουρανοι ησαν εκπαλαι και γη εξ υδατος και δι υδατος συνεστώσα τω του θεου λογω*

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

➤ A criação do mundo.

O mundo existe pela palavra de Deus, é o que lembra o apóstolo reafirmando aqui o relato de Gênesis. O ponto é – o universo não é autônomo. Ele existe porque Deus o criou pela sua palavra. Se Deus trouxe o mundo à existência pela sua palavra, ele também tem autoridade e poder para intervir e julgá-lo.

6 pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água.

6 δι' ὧν ὁ τότε κόσμος ὑδατὶ κατακλυσθεὶς ἀπώλετο

➤ O juízo pelo dilúvio.

Pedro também lembra que Deus já julgou o mundo uma vez, por meio do dilúvio, nos dias de Noé. Esse evento prova que Deus já interferiu na ordem do mundo para executar juízo. Assim, o argumento dos escarnecedores – *“todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.”* – é historicamente falso.

7 Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios.

7 οἱ δὲ νῦν οὐρανοὶ καὶ ἡ γῆ αὐτοῦ λόγῳ τεθησαυρισμένοι εἰσὶν πυρὶ τηρούμενοι εἰς ἡμέραν κρίσεως καὶ ἀπωλείας τῶν ἀσεβῶν ἀνθρώπων

➤ O juízo final futuro.

O mundo está reservado para o fogo do juízo divino. Assim como houve juízo pela água, haverá juízo pelo fogo. Isso aponta para o juízo final associado à volta de Cristo.

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

IV.2 – A espera misericordiosa (3.8-9)

Nos versículos iniciais deste capítulo (vv.1-7), Pedro começa recapitulando os seus escritos, que tiveram o propósito de relembrar-lhes as palavras dos profetas, do Senhor Jesus e dos apóstolos. Em seguida, menciona os escarnecedores dos últimos dias, que zombariam das promessas da segunda vinda de Cristo. Depois, ressalta lembrando que a terra não é a mesma desde a criação, pois já foi destruída pelas águas e lhe resta, agora, ser destruída pelo fogo, no dia do juízo e destruição dos ímpios.

O que responder a esses que, além de zombar das promessas do Senhor, querem desencorajar os seus servos, querem dissuadi-los de continuar esperando pelo cumprimento das suas promessas? O que nós responderíamos a esse tipo de gente ou a esse tipo de provocação. A bem da verdade, a Bíblia não registra e Deus não revelou datas exatas para o cumprimento de suas profecias. As dicas mais próximas se referem a épocas e aos sinais que poderiam ser percebidos no contexto da tal época do cumprimento profético. Esta epístola foi escrita por volta do ano 67 d.C. Naquela época, o impacto, a repercussão e a memória da primeira vinda de Cristo e da promessa de sua volta ainda eram muito fortes. Aquela geração não se imaginava partindo para a eternidade antes de contemplar e vivenciar esse novo encontro com o Senhor. O apóstolo Paulo falava como quem aguardava esse evento para muito breve (1Ts 4.15-18).

Não sei que resposta você daria a essa gente escarnecedora ou como você trabalharia o assunto junto à igreja para fortalecer sua fé e esperança, bem como para prepará-la para responder quando questionada. A resposta do apóstolo aos crentes explora dois argumentos interessantes:

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

a) O tempo de Deus.

8 *Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia.*

8 εν δε τουτο μη λανθανετω υμας αγαπητοι οτι μια ημερα παρα κυριω ως χιλια ετη και χιλια ετη ως ημερα μια

O que Pedro está ensinando aqui? É que Deus não está circunscrito ou subordinado a contagens, imposições e limites do tempo, pois ele é eterno. Descrevendo a eternidade de Deus e a transitoriedade do homem no salmo 90, o salmista se expressa assim: *“Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite.”* (Sl 90.4). Por mais que seja difícil compreender, Deus vê aquilo que chamamos de passado, presente e futuro, no seu “eterno presente”. Daí associarmos o tempo do homem ao “*chronos*” e o de Deus, ao “*kairós*”. No tempo do homem, a ênfase está na contagem (milênios, séculos, anos, dias, meses, horas, minutos, segundos etc.). No tempo de Deus a ênfase está nos fatos em si, nos momentos adequados para as suas realizações, para o cumprimento de suas promessas. Portanto, se algo prometido por Deus ainda não aconteceu é porque ainda não chegou o momento adequado. Pedro preferiu não seguir o caminho da especulação, nem tentar provar que faltava pouco ou muito tempo, pois ele conhecia muito bem o veredito do Senhor: *“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai.”* (Mt 24.36)

b) A misericórdia de Deus.

9 *Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.*

9 ου βραδυνει ο κυριος της επαγγελιας ως τινες βραδυτητα ηγουνται αλλα μακροθυμει εις ημας μη βουλομενος τινας απολεσθαι αλλα παντας εις μετανοιαν χωρησαι

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

Se não há uma data marcada por Deus, não há razão para se falar em atraso. O sentimento humano da demora de Deus está sempre associado à ansiedade humana ou à sua pretensão de se colocar na posição de governante do universo e competente o suficiente para querer estabelecer o que e quando determinadas coisas deveriam acontecer.

Para aquela geração este argumento estaria de bom tamanho. A ideia era de que Deus estava estendendo o tempo de oportunidade de salvação, de modo que o máximo de pessoas pudesse se render ao Senhor até o final de suas vidas. Afinal, Deus não tem prazer na morte dos ímpios, antes, porém, deseja a sua conversão (Ez 33.11; 1Tm 2.4). É claro que não haverá conversão total, mas ninguém poderá reclamar da ampla e demorada oportunidade concedida pelo Senhor. Entretanto, passados quase dois mil anos, aquela geração contemporânea de Jesus e seus apóstolos já morreu e muitas outras surgiram e também já morreram.

O que dizer para a atual geração? O primeiro argumento de Pedro (v.8) continua totalmente válido. Já o segundo, precisamos acrescentar algo mais. Por que? Se Jesus já tivesse voltado, muita gente não teria nascido e, assim, necessitado de salvação ou de mais prazo para se chegar ao Senhor antes de morrer. Creio que não é heresia dizer que não é somente a misericórdia, a longanimidade de Deus que está em questão aqui. Deus está interessado em agregar uma grande multidão de remidos, de todas as épocas. Como não aceitamos a doutrina da reencarnação, cremos que cada nova geração tem contribuído com novos remidos para formar essa grande multidão, que somente Deus sabe qual será o seu quantitativo. Corroborar nessa linha simples de raciocínio as palavras do apóstolo Paulo: *“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que*

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios. E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades.” (Rm 11.25-26). É evidente que Deus tem inúmeras outras razões, algumas das quais imperceptíveis ou incompreensíveis à mente humana, para ainda não ter manifestado o seu Filho ao mundo pela segunda vez.

IV.3 – O “Dia do Senhor” (3.10-13)

Considerando já ter esclarecido a situação, quanto a aparente demora da volta do Senhor, Pedro passa a discorrer sobre os acontecimentos do tempo do fim.

a) Quando virá este dia e o que acontecerá?

10 *Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas.*

10 *ἔξει δε ἡ ἡμερα κυριου ως κλεπτης εν νυκτι εν η οι ουρανοι ροιζηδον παρελευσονται στοιχεια δε καυσουμενα λυθησονται και γη και τα εν αυτη εργα κατακαησεται*

É sempre oportuno lembrar algumas expressões relacionadas ao fim e os respectivos significados. Será sempre necessário analisar o contexto de cada ocorrência, para tentar entender a que tempo se refere, o que nem sempre é uma tarefa simples.

“Último dia” (Jo 6.39, 40, 44, 54; 11.24; 12.48)

Dessas seis ocorrências da expressão, no singular, em toda a Bíblia e mencionadas apenas pelo apóstolo João, as cinco primeiras se referem ao **momento ou dia da ressurreição dos salvos**, ou seja, à primeira ressurreição (conforme Ap 20.5-6). Já a última (Jo 12.48) se refere ao **dia do juízo final**, quando se dará o julgamento dos

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

pecadores não inscritos no livro da vida, após a segunda ressurreição, isto é, o juízo do grande trono branco (conforme Ap 20.11-15).

🕒 **“Últimos dias”** (Nm 24.14; Dt 4.30; 31.29; Is 2.2 [Mq 4.1]; Jr 23.20; 30.24; Jr 48.47; 49.39; Ez 38.16; Dn 2.28; 10.14; Os 3.5; At 2.17; 2Tm 3.1; 2Pe 3.3)

A expressão no plural é bem mais frequente e ocorre tanto no Antigo Testamento (AT) quanto no Novo Testamento (NT).

Na escatologia do AT essa expressão pode ser atribuída: a) à primeira diáspora ou dispersão de Israel, por ocasião do cativo assírio e babilônico; ou b) à segunda, no ano 70 d.C., por ter rejeitado a Cristo, não o reconhecendo como o Messias prometido. c) Se refere a tempos futuros que culminam com a segunda vinda de Cristo e ao seu reino milenar (Nm 24.14; Is 2.2; Mq 4.1; Dn 2.28; 10.14) e, d) a tempos futuros não claramente identificados (Dt 4.30; 31.29; Jr 23.20; 30.24; Jr 48.47; 49.39; Ez 38.16; Os 3.5).

Na escatologia do NT essa expressão plural está associada: a) a um novo tempo, iniciado com a descida do Espírito Santo, após a ascensão de Cristo, para habitar nos remidos (At 2.17); b) ao período iniciado no tempo dessa citação bíblica e até à segunda vinda do Senhor (2Tm 3.1; 2Pe 3.3), sendo que as características mencionadas se intensificarão quanto mais próximo o segundo advento estiver.

🕒 **“Último tempo”** (Dn 8.19; 1Pe 1.5; Jd 18)

Esta expressão, no singular, se refere ao tempo da segunda vinda de Cristo (Dn 8.19; 1Pe 1.5) e ao período iniciado no tempo dessa citação bíblica e até à segunda vinda do Senhor (Jd 18).

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

“Últimos tempos” (1Tm 4.1)

Esta única expressão, no plural, se refere ao período iniciado no tempo dessa citação bíblica e até à segunda vinda do Senhor.

“Tempo do fim” (Dn 8.17; 11.35; 11.40; 12.4; 12.9)

Esta expressão, utilizada apenas pelo profeta Daniel, se refere a dias futuros, culminando com o tempo da segunda vinda de Cristo.

“Consumação do século” (Mt 13.39, 40, 49; 24.3; 28.20)

Esta expressão, utilizada apenas por Mateus, se refere ao término da presente ordem, quando se dará a segunda vinda de Cristo.

“Dia da visitação (1Pe 2.12)

A visitação ou presença divina na história humana se dá para castigar (Êx 32.34) ou para abençoar (Lc 19.44). Esta expressão, utilizada apenas por Pedro, parece se referir à segunda vinda de Cristo. Os desdobramentos deste evento também serão de castigo para os ímpios e de bênçãos para os salvos.

“Dia do(e) Juízo (“do” - Mt 10.15; 11.22, 24; 12.36; 2Pe 3.7; 1Jo 4.17; “de” – 2Pe 2.9)

Esta expressão se refere claramente ao juízo final, quando se dará o julgamento dos ímpios, após a segunda ressurreição, isto é, o juízo do grande trono branco (cf Ap 20.11-15).

“Tempo do castigo final” (Ez 21.25, 29; 35.5)

Esta expressão, utilizada apenas pelo profeta Ezequiel, pode se referir a algum juízo futuro, não claramente identificado, ou ao juízo do grande trono branco já mencionado.

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

“Dia de Deus (2Pe 3.12)

É uma outra forma utilizada por Pedro para denominar o “dia do Senhor”, que trataremos, a seguir.

 “Dia do Senhor” (Is 2.12; 13.6, 9; Jr 46.10; Ez 13.5; 30.3 {tempo dos gentios}; Jl 1.15; 2.1, 11; 2.31; 3.14; Am 5.20; Ob 1.15; Sf 1.7, 14; Zc 14.1; Ml 4.5; At 2.20; 1Co 5.5; 1Ts 5.2; 2Ts 2.2; **2Pe 3.10**)

Finalmente, chegamos à expressão utilizada por Pedro neste versículo 10. Nota-se que é uma expressão frequentemente utilizada em toda a Bíblia. A ideia básica é a de um acerto de contas com Deus.

Na escatologia do Antigo Testamento (AT), expressa pela boca dos profetas, era o dia em que Deus iria castigar os israelitas incrédulos e os inimigos do povo de Israel (Is 2.12). É um dia de assolação do Todo-Poderoso (Is 13.6; Jl 1.15); dia cruel, com ira e ardente furor (Is 13.9); dia de vingança contra os adversários (Jr 46.10); dia de peleja (Ez 13.5); dia nublado e tempo dos gentios (Ez 30.3); o sol se converterá em trevas e a lua em sangue (Jl 2.31; Am 5.20); no vale da decisão (Jl 3.12-15); virá sobre todas as nações (Ob 1.15); um sacrifício diante dos seus convidados (Sf 1.7); um dia amargo (Sf 1.14); um dia de repartir despojos (Zc 14.1). O AT termina anunciando a vinda de Elias antes desse grande e terrível dia (Ml 4.5). Jesus ratifica esta profecia e esclarece que ela se realizou em João Batista, o qual não foi reconhecido como tal (Mt 17.11-12; 11.14-15).

Na escatologia do Novo Testamento (NT) o tom de um dia terrível, de destruição é mantido. O sol se converterá em trevas e a lua em sangue (At 2.20, ratificando Jl 2.31; Am 5.20); os céus passarão e os elementos se desfarão abrasados, a terra e as obras existentes serão atingidas (2Pe 3.10).

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

Podemos citar outra referência ao dia do Senhor, relacionada a um dia da semana separado para o descanso, na Lei, o SÁBADO (Is 58.13) e para a adoração ao Senhor, na Graça, o DOMINGO (Ap 1.10).

Portanto, trata-se de um período extenso, que começa logo após o arrebatamento da igreja, e continua com a Grande Tribulação e com os acontecimentos que se sucederão.

b) O que fazer antes da volta de Cristo?

Nessa parte final do argumento sobre o juízo futuro, Pedro faz uma aplicação prática: se o mundo atual caminha para um julgamento divino, como os cristãos devem viver enquanto aguardam a volta de Cristo? A escatologia não é apresentada como curiosidade profética, mas como motivação para uma vida santa.

11 Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade,

11 τούτων οὖν πάντων λυομένων ποταποὺς δεῖ ὑπαρχεῖν ὑμᾶς ἐν ἁγίαις ἀναστροφαῖς καὶ εὐσεβείαις

Pedro parte de uma premissa: todas as coisas serão desfeitas. A ordem atual do mundo é temporária. Tudo aquilo que parece permanente será transformado no juízo final. Diante disso surge a pergunta implícita: que tipo de pessoas devemos ser?

A resposta é dupla:

► **Santo procedimento:** Refere-se ao comportamento cotidiano do cristão que deve viver de modo moralmente separado do pecado, refletindo o caráter de Deus.

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

► **Piedade:** Indica vida voltada para Deus, reverência, devoção e relacionamento sincero com ele.

Assim, a certeza do fim do mundo não deve levar à indiferença, mas a uma vida mais santa e consciente.

*12 esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão.
12 προσδοκώντας και σπευδοντας την παρουσιαν της του θεου ημερας δι ην ουρανοι πυρουμενοι λυθησονται και στοιχεια καυσουμενα τηκεται*

Pedro destaca duas atitudes:

► **Esperar:**

O cristão vive em expectativa vigilante pela volta de Cristo. A esperança escatológica molda suas prioridades.

► **Apressar:**

No sentido de cooperar com o plano de Deus, vivendo e proclamando o evangelho. A missão da igreja participa do avanço do propósito divino na história.

Enfim, fica aqui um ponto para reflexão: todo investimento nas coisas materiais deste mundo é temporário, pois no Dia do Senhor, tudo será desfeito. Por outro lado, todo investimento nas coisas espirituais possui valor e desdobramentos eternos.

*13 Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.
13 καινους δε ουρανους και γην καινην κατα το επαγγελμα αυτου προσδοκωμεν εν οις δικαιοσυνη κατοικει*

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

Essa é a esperança cristã final. Pedro ecoa a promessa feita em Isaías 65.17 e 66.22: Deus criará novos céus e nova terra. A característica central desse novo mundo será: “habita justiça”. Isso significa: ausência de pecado, ausência de corrupção, presença plena da justiça de Deus. A esperança cristã não é apenas escapar do mundo, mas viver numa criação renovada e perfeitamente justa.

IV.4 – Vivendo e aguardando aquele grande dia (3.14-16)

O que fazer enquanto o Senhor não volta? É o que Pedro trata nestes versículos finais, dando continuidade ao assunto anterior.

a) Viver de forma irrepreensível (v.14)

14 Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis,

14 διο αγαπητοι ταυτα προσδοκωντες σπουδασατε ασπιλοι και αμωμητοι αυτω ευρεθηναι εν ειρηνη

Quando se crê firmemente na segunda vinda de Cristo, ocasião em que acontecerá a separação efetiva entre o trigo e o joio, sendo este último reservado para o fogo eterno, de forma alguma podemos ter um tipo de conduta que guarde semelhança com a dos ímpios, o joio.

A palavra do apóstolo é “empenhai-vos”, isto é, aplicai o esforço necessário, no que depender de vocês, para: (i) viver em paz e promover a paz; (ii) ter uma conduta sem mancha e irrepreensível, ainda que vivendo no meio de uma geração pervertida e corrupta (Fp 2.15).

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

b) Entender esse momento como oportunidade de salvação (vv.15-16)

15 e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada,

15 και την του κυριου ημων μακροθυμian σωτηριαν ηγεισθε καθως και ο αγαπητος ημων αδελφος πανυλος κατα την αυτω δοθεισαν σοφian εγραψεν υμιν

16 ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles.

16 ως και εν πασαις ταις επιστολαις λαλων εν αυταις περι τουτων εν οις εστιν δυσνοητα τινα α οι αμαθεις και αστηρικτοι στρεβλουσιν ως και τας λοιπας γραφας προς την ιδian αυτων απωλειαν

Duas coisas Pedro destaca aqui. A primeira é a questão já mencionada por ele nos versículos 8 e 9 deste capítulo, sobre a aparente demora da volta do Senhor. Mais tempo significa mais oportunidade de salvação, conforme já mencionado anteriormente. A segunda é uma pontual referência ao seu companheiro de ministério, o apóstolo Paulo. Desta menção, podemos destacar alguns aspectos interessantes:

- i. O apóstolo Paulo é tratado de forma simples, informal, amorosa, simpática e respeitosa “nosso amado irmão Paulo”.
- ii. Ele é mencionado como alguém que escreveu para o povo de Deus, os dispersos por toda a parte: “vos escreveu”.
- iii. Ele escreveu de tal maneira que deixou transparecer a sabedoria de Deus, lá do alto “segundo a sabedoria que lhe foi dada”.

2PEDRO

IV. A ESPERANÇA DA VOLTA DE CRISTO (3.1-22)

- iv. Ele escreveu sobre esses assuntos que dizem respeito: “ao falar acerca destes assuntos”.
- v. Ele escreveu várias epístolas, que são cartas doutrinárias: “em todas as suas epístolas”.
- vi. Ele escreveu coisas difíceis de entender: “nas quais há certas coisas difíceis de entender”.
- vii. Que havia pessoas ignorantes e instáveis deturpando os ensinamentos de Paulo e as demais Escrituras.

Esta referência de Pedro a Paulo é incomum no Novo Testamento. Para a igreja de todos os tempos foi abençoadora. Com essas palavras, Pedro, o apóstolo que andou com o Senhor, referendou o ministério e as contribuições de Paulo à igreja de Cristo.



2PEDRO

V. EPÍLOGO (3.17-18)

V. EPÍLOGO (3.17-18)

• Recomendações finais (3.17-18a)

17 Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza;

17 υμεις ουν αγαπητοι προγινωσκοντες φυλασσεσθε ινα μη τη των αθεσμων πλανη συναπαχθεντες εκπεσητε του ιδιου στηριγμου

Ao concluir a epístola, em suas recomendações finais, o apóstolo retoma a questão grave da ação dos falsos profetas, a respeito da qual já lhes havia prevenido. Num derradeiro e paternal esforço, os admoesta a se manterem firmes no Senhor e nos ensinamentos verdadeiros e confiáveis transmitidos pelas suas fiéis testemunhas, não dando atenção a esses perturbadores da igreja. Sem dúvida é uma recomendação de caráter permanente para a igreja de Cristo.

18a antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

18a αυξανετε δε εν χαριτι και γνωσει του κυριου ημων και σωτηρος ιησου χριστου

Em vez de dar ouvidos aos falsos mestres e cair na fé, o permanente desafio do cristão é o de crescer, de se desenvolver, de alcançar a maturidade, no conhecimento do Senhor através de um relacionamento cotidiano com ele e sua Palavra, que necessariamente deve refletir no nosso comportamento e atitudes para com os de dentro e os de fora.

2PEDRO

V. EPÍLOGO (3.17-18)

- **Doxologia** (3.18b)

18b A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno.

18b αὐτῷ ἡ δόξα καὶ νῦν καὶ εἰς ἡμέραν αἰῶνος ἀμήν

O livro termina com uma bela expressão de louvor e de glorificação ao Senhor, aquele que habita hoje no meio dos seus remidos, recebendo destes toda a honra e glória e, no porvir, na sua nova manifestação a este mundo, também receberá toda a honra e glória.



2PEDRO

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A Segunda Epístola de Pedro é uma carta pastoral de advertência e encorajamento, escrita a cristãos que enfrentavam pressões externas, perseguições e, sobretudo, a influência nociva de falsos mestres no meio da igreja. Ao longo da epístola, o apóstolo exorta os crentes a fortalecerem a sua fé, acrescentando a ela virtudes cristãs e firmando-se na revelação segura de Deus — nas palavras anunciadas pelos profetas, no ensino do Senhor e Salvador Jesus Cristo e na doutrina transmitida pelos apóstolos.

Somente assim poderiam permanecer firmes diante dos enganos e das heresias que ameaçavam corromper a fé e a conduta do povo de Deus. Ao mesmo tempo, Pedro lembra que a esperança na segunda vinda de Cristo não deve enfraquecer, mas permanecer viva no coração dos crentes, servindo como motivação constante para uma vida de santidade, fidelidade e frutificação espiritual.

Assim, a epístola termina apontando para uma vida cristã equilibrada: firmada na verdade da Palavra, vigilante contra o erro e orientada pela esperança da promessa divina. Enquanto aguardam o cumprimento final dessa promessa, os cristãos são chamados a crescer na graça e no conhecimento do Senhor, vivendo de maneira digna daquele que prometeu novos céus e nova terra, onde habita a justiça.

Soli Deo gloria!



2PEDRO

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- 1) Bíblia Sagrada (SBB – Almeida Revista e Atualizada – ARA).
- 2) Bíblia Online – SBB.
- 3) A Bíblia Anotada – Ed. Mundo Cristão.
- 4) Bíblia de Estudo da Fé Reformada (R. C. Sproul – Editor geral)(Ed. Fiel – 2020).
- 5) R. N. Champlin, Ph. D. – O Novo Testamento Interpretado – Versículo por versículo – MILENIUM Distribuidora Cultural Ltda. – 1982.
- 6) Moulton, Harold K. – The Analytical Greek Lexicon Revised (1978).
- 7) Correia, Paulo Raposo – Epístola de JUDAS – E-Book gratuito, Junho/2016.
- 8) Correia, Paulo Raposo – SIMÃO PEDRO, o discípulo impetuoso – E-Book gratuito, Março/2024.
- 9) Dicionário da língua portuguesa MICHAELIS.
- 10) Internet.



“ Amados, esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo; em ambas, procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida, para que vos recordeis das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos,” (2Pe 3.1-2)

Pedro exerce, também através desta segunda epístola, seu papel e missão de pastorear e fortalecer o rebanho do Senhor, conforme comissão recebida de Jesus (Jo 21.15-17 e Lc 22.32). Seu propósito é duplo. Ele exorta os crentes a fortalecerem a sua fé, acrescentando a ela virtudes cristãs, firmando-se na revelação segura de Deus. Ele adverte sobre a influência nociva de falsos mestres no meio da igreja e desconstrói a narrativa dos escarnecedores sobre a demora da volta de Cristo.



Primeira Edição
MAR/2026